UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus Experimental de Rosana

Campus de Rosana

LETÍCIA CASSIANO DOS SANTOS

MUSEU AFRO BRASIL: ESTUDO DE CASO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SOB UMA PERSPECTIVA IDENTITÁRIA

Rosana

2021

LETÍCIA CASSIANO DOS SANTOS

MUSEU AFRO BRASIL: ESTUDO DE CASO DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SOB UMA PERSPECTIVA IDENTITÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo do Câmpus Experimental de Rosana, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Romero de Oliveira

Rosana

2021

S237m

Santos, Letícia Cassiano dos

Museu Afro Brasil : Estudo de caso da Educação Patrimonial sob uma perspectiva identitária / Letícia Cassiano dos Santos. -- Rosana, 2021

68 p. : tabs., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Turismo) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus Experimental de Rosana, Rosana

Orientadora: Eduardo Romero de Oliveira

1. Museu. 2. Educação Patrimonial. 3. Identidade. 4. Museu Afro

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Câmpus Experimental de Rosana. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ERRATA

Elemento opcional que deve ser inserido logo após a folha de rosto, constituído pela referência do trabalho e pelo texto da errata e disposto da seguinte maneira:

Folha	**Linha**	**Onde se lê**	**Leia-se**
0	0	“texto errado”	“texto certo”

LETÍCIA CASSIANO DOS SANTOS

MUSEU AFRO BRASIL: ESTUDO DE CASO SOBRE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL SOB UMA PERSPECTIVA IDENTITÁRIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo do *Câmpus* Experimental de Rosana, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Rosana, 21 / Dezembro/ 2021.

Componentes da Banca Examinadora:

Eduardo Romero de Oliveira
Presidente e Orientador: Doutor em Filosofia, Mestre em História Social, Graduado em História, Universidade Estadual de Campinas e Universidade de São Paulo.

Juliana Maria Vaz Pimentel
Membro Titular: Doutora em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados.

Lívia Lima
Membro Titular: Doutora em Educação e Bacharel em Turismo, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual Paulista.

Rosangela Custodio Cortez Thomaz
Membro Suplente: Pós-Doutora em Turismo, Doutora em Arqueologia, Mestre em Arqueologia e Graduada em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Universidade de São Paulo.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais, ao meu orientador, a meus amigos e a todos aqueles que me apoiaram de alguma forma e me deram ideias e força para continuar. Dedico este trabalho em especial ao Tons Afro Unesp Rosana, pois sem este grupo esse tema não teria surgido.

AGRADECIMENTOS

Enfim chegou a parte da escrita deste trabalho de conclusão de curso. É estranho perceber que está chegando ao fim e notar o quanto passou rápido e o quanto mudei desde que entrei na UNESP Rosana. Primeiro gostaria de agradecer aos meus pais, que sempre buscaram me proporcionar as melhores oportunidades e sempre me permitiram ir em busca dos meus sonhos, por mais inalcançáveis ou fáceis que eles fossem. Aos meus doguinhos (Ailla e Simba) e a Greta por me motivarem a seguir em frente. Ao Tons Afro Unesp Rosana, a todos da equipe que sempre me aguentaram cobrando e cobrando, em especial à professora Juliana, que foi a primeira professora com quem me conectei e não larguei mais e que sei que vou levar para a vida toda.

Ao meu orientador, professor Eduardo, que desde o início, com sua paciência e senso de humor, recebeu meu tema e fez com que este trabalho se tornasse realidade. Obrigada, professor, por todas as orientações e conversas! Gostaria de agradecer também a Minha Madrinha Gianni, Matilha, Mocoquinha, Zóio, Nica, Desmaio, Recicla, Sabonete, Bu, Bin, Binho por estarem sempre aqui, pelas conversas, desabafos, risadas e até mesmo pelos desentendimentos. Às repúblicas Alcooteia, Alcooíris e, claro, Ilhados, por sempre serem os melhores lugares para rolê e terem os melhores veteranos.

Agradecer aos meus amigos de Suzano e região, que sempre davam um jeitinho de me ver quando eu voltava de Primavera; agradecer a Dona Inácia e a Stéfany por serem minhas mãezonas sempre e aguentarem meus choros e me proporcionarem os melhores risos e aprendizados. Agradecer a minha psicóloga por me ajudar a seguir até aqui e ir além.

E gostaria de agradecer a todos que passaram pela minha vida até este momento, pois acredito fielmente que tudo o que passamos até agora é o resultado do que somos agora, então se sou o que sou hoje é por conta disso. Peço desculpas se não mencionei o nome de todos que foram importantes, mas isto é apenas um escrito. Agradeço aos meus professores, todos, da escola, cursinho e universidade. Vocês são 10/10.

Por último, mas não menos importante, agradeço a mim, por nessa jornada aprender e desaprender com o tanto de coisas boas, ruins e ótimas que aconteceram e deixar um recado pra mim mesma: Se você escreveu este TCC, você pode ir além e ir atrás de todos os seus objetivos.

LOOOUCO... LOUCO, LOUCO, LOUCO, LOUCO EU SOU DA UNESP!

EPÍGRAFE

Foram os homens e as mulheres negras que constituíram a identidade nacional. Vidas negras do Brasil.

Museu Afro Brasil

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visou estudar as atividades educativas realizadas no Museu Afro Brasil, localizado no Parque Ibirapuera, em São Paulo, a fim de analisar se e como a instituição realiza ações que promovam a busca ou o resgate da identidade cultural de um indivíduo por meio de sua etnia representada no museu. A metodologia deste trabalho é de caráter exploratório. Em um primeiro momento, por meio de uma observação sistemática, visou-se o reconhecimento e detalhamento do museu e suas exposições; por segundo, realizou-se uma entrevista estruturada com um dos educadores do museu a fim de analisar como ocorre a Educação Patrimonial nas visitas guiadas no museu; por terceiro, foi feita uma análise documental do plano museológico, plano de atividades e outros documentos disponíveis da instituição, para levantar dados sobre a visitação do museu. Por fim, devido ao cenário pandêmico, realizou-se uma segunda observação sistemática, desta vez em meio virtual, onde a pesquisadora pôde descrever os métodos utilizados em uma mediação virtual. Sendo a metodologia estruturada de acordo com os objetivos do trabalho, foi possível afirmar que o Museu Afro Brasil realiza em suas mediações guiadas um método educativo baseado em Paulo Freire, similar à Educação Patrimonial, partindo de questionamentos para instigar o senso crítico dos visitantes; o museu possui dados sobre visitação, porém não apresenta dados sobre a etnia de seus visitantes, indo contra um de seus objetivos, que é aumentar a estima de jovens pretos; o museu aborda a problemática do racismo, mas em um viés de valorização, não ressaltando o sofrimento que este grupo étnico viveu e vive. O museu pode ser uma ferramenta contra o racismo, uma vez que realiza atividades que ajudam na quebra de preconceitos presentes na sociedade, sendo essa uma das funções sociais dos museus.

Palavras-chave: Museu. Educação Patrimonial. Identidade. Museu Afro Brasil. Discriminação racial.

ABSTRACT / RESUMEN / RÉSUMÉ

This undergraduate thesis aimed to study the educational activities carried out at the Afro Brazil Museum located in Ibirapuera Park in São Paulo, to analyze if and how the institution carries out actions that promote the search or rescue of an individual's cultural identity through of their ethnicity represented in the museum. The methodology of this work is exploratory, at first, through systematic observation, the aim was to recognize and detail the museum and its exhibitions; second, a structured interview was carried out with one of the museum's educators to analyze how heritage education takes place in guided tours of the museum; thirdly, a documental analysis of the museum plan, activity plan and other documents available from the institution was carried out, to gather data on the museum's visitation. Finally, due to the pandemic scenario, a second systematic observation was carried out, this time in a virtual environment, where the researcher can describe the methods used in a virtual mediation. Since the methodology is structured according to the objectives of the work, it was possible to affirm that the Afro Brazil Museum carries out in its guided mediations an educational method based on Paulo Freire, similar to heritage education and this one starts from questioning to instigate the critical sense of the visitors; the museum has data on visitation but does not present data on the ethnicity of its visitors, going against the grain with one of its objectives, which is to increase the esteem of black youths; the museum addresses the issue of racism, but with an appreciation bias, not emphasizing the suffering that this ethnic group has experienced and lives, but the museum can be a tool against racism as it carries out activities that help to break down prejudices present in society, which is one of the social functions of museums.

Keywords: Museum. Heritage education. Identity. Afro Brazil Museum. Racial Discrimination.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 1
1.1 Metodologia 7
2 CAPÍTULO 1 - DESENVOLVIMENTO TEÓRICO 10
1.1 Museus etnográficos 10
1.2 Identidade Cultural 15
1.3 Educação em museus 19
1.4 Perfil do público visitante dos museus 22
1.5 Educação Patrimonial em Museus Etnográficos 25
Capítulo 2 - COLETA DE CAMPO 29
2.1 - O Museu: guarda e difusão da arte afro-brasileira 29
2.1.1 - Acervo 29
2.1.2 - Exposições, encontros e público 34
2.2 - Observação da monitoria numa exposição virtual 35
2.3 - Entrevista com educadores 37
2.4 - Documentação consultada 43
3 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS 50
3.1 A Educação Patrimonial no Museu Afro-Brasil 50
3.2 Perfil do público visitante no Museu Afro-Brasil 51
3.3 A problemática do racismo na Educação Patrimonial do Museu 52
3.4 A Educação Patrimonial do museu como ferramenta contra o racismo. 54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 56
5 REFERÊNCIAS 58

1 INTRODUÇÃO

A educação está presente não apenas nas escolas, ou seja, no ensino formal. Há também a educação informal e a educação não formal. A Educação Patrimonial será conceituada por Horta et. al. (1999), Group... (2020), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2014), Florêncio (2012) e outros. Em função disso, consideramos que a proposta de Educação Patrimonial leva a alguns possíveis questionamentos operacionais e sociais, tais como: qual a importância da Educação Patrimonial para viabilizar a inclusão social? Quais ferramentas podem ser utilizadas para uma Educação Patrimonial direcionada a uma maior inclusão social?

Tais questionamentos podem, possivelmente, ser respondidos quando há a execução da Educação Patrimonial por meio dos museus, que, como mencionado antes, são instituições culturais e expõem seus acervos com temáticas específicas ou não. Existem diversas tipologias de museus que vão das mais específicas para as mais variadas, em sua grande maioria utilizando a Educação Patrimonial como meio para conectar o público com o seu acervo. Diversos autores, tais como Suano (1986), Conselho Internacional de Museus (2015), Cury (2013), Menezes (2000) e outros estudam os museus e suas ferramentas para aproximar o visitante de seus acervos. Todavia, cabe questionar: como o museu consegue avaliar se seus objetivos estão sendo cumpridos, por meio da Educação Patrimonial, com seus visitantes? Existem ferramentas para mensurar a eficácia desta Educação Patrimonial?

São diversas as tipologias de museus existentes e museu etnográfico é uma delas. Ele tem objetivos gerais, como outros, mas também há uma forte presença do que é chamado de identidade cultural, afinal tem como foco apresentar o histórico das etnias presentes ou não no mundo. A identidade cultural, mencionada nesta pesquisa, parte da Educação Patrimonial realizada por museus, sejam eles étnicos ou não, para ser reconhecida por um indivíduo. Autores como Sousa (2012), Queiroz (1989), Hall (2006), Hooker (2006) e outros irão tratar desta temática; alguns destes, ainda, abordando a identidade dentro dos museus étnicos, como é o caso de Meneses (2000).

Partindo-se da ideia de museu étnico como um local para a representação ou busca da identidade cultural, cabem os seguintes questionamentos: como a Educação Patrimonial em museus étnicos pode ser concebida em função de questões étnicas? Pode a Educação Patrimonial valorizar os grupos étnicos e ajudar na luta contra o preconceito étnico? Como a Educação Patrimonial pode ser exercida a partir da ideia de identidade cultural?

Essas perguntas e as demais realizadas no decorrer da pesquisa podem ser respondidas por meio da apresentação de museus étnicos pelo mundo, os quais foram escolhidos na tentativa de demonstrar formas possíveis de tais questões serem contempladas. São diversos pelo mundo, portanto nesta pesquisa foi selecionado um museu étnico da Europa, um da Ásia, um da América do Norte, um da Oceania e um da América Latina.

Na Europa, existem diversos museus étnicos, todavia cabe destacar o Zizhi Museum. Localizado na Rússia, proporciona aos seus visitantes uma experiência de um museu a céu aberto, contemplando o natural, o histórico e o cultural com o objetivo de apresentar o patrimônio cultural dos povos da Rússia. Nas poucas informações encontradas, é possível afirmar que acontece a Educação Patrimonial e que há um resgate dos costumes que foram se perdendo em meio à globalização (RÚSSIA, 2021). Esse museu possui uma forma muito interessante de realizar suas ações educativas com o fim de promover uma valorização dos povos passados: vivências práticas. Esse museu não busca fazer com que o visitante busque sua identidade cultural, contudo é um excelente exemplo de acessibilidade, pois consegue acolher todos os públicos em suas vivências.

Na Ásia, assim como na Europa, a quantidade de museus é enorme. Destaca-se, aqui, o The Palestinian Museum, localizado na Palestina. A instituição tem como objetivo apresentar a cultura palestina tanto nacionalmente quanto internacionalmente. O museu busca, por meio de seu acervo, dar voz aos palestinos e quebrar preconceitos sobre sua história e cultura. Além da visita guiada, há trabalhos educacionais, portanto é possível notar a presença da educação e o resgate de uma identidade cultural (MUSEUM, 2019).

O The Palestinian Museum é um dos museus que mais poderia colaborar com esta pesquisa, haja vista que, por meio de suas ações educativas, por mais que não as chame de Educação Patrimonial, tem como objetivo o resgate, a preservação e a valorização da cultura palestina, atuando na luta contra o preconceito. Algumas perguntas, no entanto, não são sanadas e, por sua distância, não seria viável sua escolha para estudo.

Na América do Norte, os museus guardam ainda a história de seus povos e dos povos escravizados, como no caso do African American Museum of Iowa, localizado na cidade de Iowa, que tem como missão preservar, exibir e ensinar a herança afro-americana de daquela cidade. O museu oferece diversas programações educativas e vivências e, por mais que não utilizem a expressão Educação Patrimonial, há a presença forte da busca pela identidade cultural e a busca do despertar da curiosidade, do senso crítico e da consciência dos visitantes. Esse seria um museu totalmente adequado ao desenvolvimento de uma pesquisa como esta, porém sua localização não permite (IOWA, 2021). Assim como o museu localizado na Palestina, esse

museu norte-americano também seria muito interessante para a pesquisa, haja vista que aborda não apenas a identidade do povo negro, mas acaba aprofundando seu histórico no povo negro que viveu e vive em Iowa. Devido à distância, também não seria viável.

A Oceania possui diversos museus. Um exemplo significativo é o Fiji Museum, localizado na cidade de Suva, que abriga toda a cultura dos povos de Fiji por meio de artefatos que contam sua história. O museu possui programas de educação e visitas guiadas com foco na valorização e conhecimento do patrimônio, mantendo viva a tradição de povos antigos do local. É perceptível a Educação Patrimonial e o esforço para relembrar e preservar a cultura e histórias desses povos, portanto é bem provável que aconteça, sim, a busca ou resgate de uma identidade cultural (FIJI MUSEUM, 2021). O Fiji Museum, por mais que apresente a história do povo de Fiji, não seria capaz de responder a todas as questões postas e não fica claro em seu *site* se há alguma ferramenta em suas ações educacionais que possa auxiliar na luta contra o preconceito étnico, por exemplo.

A América Latina possui diversos museus e, dentre esses, muitos representam e exaltam uma ou mais etnias. Em El Salvador, o Museo Winakirika conta a história de como convivia um povo indígena local (os Kakawira) no período colonial e apresenta sua "memória popular, arqueológica e história" (tradução livre). Na visita guiada, é possível realizar uma viagem no tempo, onde o guia irá expor mais informações sobre o espaço (MASSARANI et al., 2015; SANCHEZ, 2016).

Este e todos os outros museus citados acima realizam um processo educativo com seus visitantes. A respeito de alguns, pode-se dizer que trabalham a questão da identidade cultural por meio da Educação Patrimonial, todavia não são todos que conseguem contemplar todos os questionamentos levantados. Muitos deles respondem apenas a alguns aspectos da problemática inicialmente levantada. Talvez seja no Palestinian Museum em que a problemática da relação identidade e educação mais transparece. Contudo, uma abordagem mais completa da problemática exige um conhecimento direto de atividades educativas e a averiguação de suas condições concretas e contingências de realização.

Por isso, a escolha do Museu Afro Brasil, localizado em São Paulo (SP), pois essa é uma instituição cultural que possivelmente acolhe todos os questionamentos colocados na pesquisa. Por estar em São Paulo, seu acesso ao estudo é viável.

O Museu Afro Brasil foi inaugurado em 2004 e fica localizado no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do Parque Ibirapuera, em São Paulo. Possui um acervo de mais de 6 mil obras da cultura africana e afro-brasileira, produzidas entre o século XVIII e atualmente; essas obras abordam temas como escravidão, arte, trabalho, religião e diversos outros, que,

quando juntos, contam a "trajetória histórica e as influências africanas na construção da sociedade brasileira" que são patrimônio público zelados pela Associação Museu Afro Brasil (SÃO PAULO, 2020).

O Museu Afro Brasil é uma instituição pública desde 2009, subordinada à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, e possui exposições fixas e itinerantes, que se iniciaram primeiramente com a coleção particular do Diretor Curador Emanoel Araujo. Além de um enorme acervo, o Museu Afro possui uma biblioteca chamada Biblioteca Carolina Maria de Jesus, que possui cerca de 12.000 itens, que compreendem livros, revistas e outros materiais de leitura e pesquisa, incluindo seu acervo *online* e "uma coleção especializada em escravidão, tráfico de escravos, abolição da escravatura, da América Latina, Caribe e Estados Unidos. "O museu recebe anualmente cerca de 1.200 visitantes, o que é um número baixo comparativamente ao total de pessoas que circulam no Parque Ibirapuera, cerca de 12 a 14 milhões de visitantes durante o ano (SÃO PAULO, 2020)".

Existem diversas formas de realizar a visita ao Museu Afro Brasil, como, por exemplo, por roteiros de visitas temáticas para que os visitantes possam realizar variados percursos durante sua visita. Ao acessar o *site*, o visitante pode baixar o roteiro com informações e perguntas sobre as obras que contemplará. Também existe a possibilidade de realizar visitas mediadas por uma equipe de profissionais especializados, diariamente. Estas têm o objetivo de "promover a aproximação entre os visitantes e os acervos expostos no Museu [...] têm como ponto de partida o Acolhimento e pode ser realizado por meio de questionamentos, contação ou leitura de histórias, cirandas, músicas, dentre outras estratégias" (MUSEU AFRO BRASIL, 2021). Além das visitas, o museu conta também com projetos para aproximar e familiarizar ainda mais os visitantes com a cultura afro.

Ao relacionar a existência dessa monitoria educativa no Museu Afro com o cenário desigual do Brasil, é possível que a educação patrimonial seja uma ferramenta de discussão do preconceito étnico e de resgate da identidade cultural de um grupo social.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral estudar as atividades educativas realizadas no Museu Afro Brasil, a fim de analisar se e como a instituição realiza ações que promovam representações identitárias direcionadas a um ou mais grupos étnicos existentes no Brasil. Em termos específicos, podemos entender que cabe:

- Descrever os procedimentos e ferramentas utilizadas para se exercer a Educação Patrimonial no objeto de estudo;

- Levantar dados sobre a visitação no museu, qual o seu público-alvo característico e se há uma ferramenta para mensurar a eficácia destas ações.
- Verificar se a Educação Patrimonial realizada no museu aborda a problemática do racismo;
- Analisar se a Educação Patrimonial do museu é uma ferramenta contra o racismo.

Cabe aqui explicitar melhor a pertinência deste trabalho. A Educação Patrimonial é uma forma de educação não formal que permite estar presente no âmbito da educação formal e também ser mais democrática, pois ela prioriza uma

> [...] construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas. (FLORÊNCIO, 2012).

Esta ainda colabora para a valorização, reconhecimento e preservação do patrimônio cultural. A Educação Patrimonial é, portanto, um importante instrumento para que toda a sociedade possa compreender seu passado e a importância deste para o presente e para o futuro. Por isso, faz-se necessário compreender melhor quais são os recursos e métodos utilizados dentro da Educação Patrimonial e, ainda, quais são as possibilidades de se viabilizar tal ação na sociedade.

Observa-se que a Educação Patrimonial, quando exercida em museus — em especial nos museus étnicos, foco desta pesquisa — é de suma importância para o desenvolvimento da identidade cultural de um indivíduo. Nossa pesquisa, ao estudar a Educação Patrimonial, visa saber se, por meio desta, pode-se fazer com que um indivíduo sinta-se representado ou, ainda, que seja viabilizada uma relação de identificação cultural.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vem, desde 2008, reconhecendo a importância do patrimônio cultural como objeto de identidade e valorização da sociedade e, mesmo proporcionando projetos, um de seus grandes desafios é estabelecer uma relação entre a educação e a cultura brasileira (PORTA, 2012). Tal pesquisa faz-se necessária, ainda, para analisar os recursos e métodos pelos quais a Educação Patrimonial se pauta com o fim de discutir e abordar pautas discriminatórias e pautas sobre identidade cultural.

Os museus étnicos possuem um importante papel na sociedade, pois realizam o resgate de grupos étnicos que tiveram seu passado esquecido ou apagado por anos, como os pretos escravizados e os indígenas.

O Museu Afro Brasil, objeto de estudo desta pesquisa, é um museu étnico que possui em seu acervo patrimônios de grupos étnicos brasileiros. Por meio desta instituição, é valorizado e preservado não apenas esse passado de dor, de violência, mas também o que distingue e valoriza as culturas desses grupos. Portanto, por meio da Educação Patrimonial, o museu poderá enfatizar um passado que é esquecido ou não valorizado por muitos.

> A Educação Patrimonial deve ser tratada como um conceito basilar para a valorização da diversidade cultural, para o fortalecimento de identidades e de alteridades no mundo contemporâneo e como um recurso para a afirmação das diferentes maneiras de ser e de estar no mundo. (FLORÊNCIO, 2016).

Por fim, cabe reiterar, a pesquisa investe no estudo de museus étnicos para entender as melhores condições de viabilizar a inclusão social por meio da Educação Patrimonial, pois existem ainda poucos materiais atrelando esta, museus étnicos e identidade cultural. Portanto, esta pesquisa será importante para abrir espaço para temáticas importantes como identidade cultural e educação — relações ainda pouco exploradas no âmbito dos estudos de lazer e turismo. Em um primeiro levantamento, constatou-se que existem ainda poucos materiais que atrelam educação patrimonial, museus étnicos e identidade cultural. Esse levantamento foi realizado a partir de pesquisas em fóruns de pesquisa como o da Universidade de São Paulo (USP), onde encontrou-se o estudo de Ulpiano T. Bezerra de Menezes, que aborda a identidade cultural em museus; além de revistas de pesquisas em Turismo como a Horizontes, que apresenta a pesquisa de Carmem Zeli de Vargas Gil, autora que escreve sobre Educação Patrimonial e relações étnico-raciais; e ainda nos acervos digitais do IPHAN.

A motivação desta pesquisa vai além das citadas, contando também uma afeição pessoal por parte da autora que a desenvolveu, por ser mulher, negra e aluna bolsista do Tons Afro Unesp Rosana, grupo de pesquisa e extensão, sempre determinou que discutiria a pauta racial em seu trabalho de conclusão de curso. Acreditamos que, por meio da realização desta pesquisa, outras poderão ser desenvolvidas a fim de enriquecer o cenário acadêmico.

1.1 Metodologia

A presente pesquisa está fundamentada na metodologia de caráter exploratório. A princípio, foi realizada uma visita não guiada para aplicar a técnica de observação sistemática definida por Lakatos e Marconi (2003) como aquela que é "estruturada, planejada, controlada". Utiliza instrumentos para a "coleta dos dados ou fenômenos observados." (2003) ou pesquisa ação é:

> [...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores [...] representativos da situação problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (MICHEL, 1986).

Nesta visita foi possível ter a visão de um turista que não está acompanhado de um guia e foi observado o acervo completo, a fim de identificar nas obras e/ou em suas descrições informações que abordam a problemática do racismo. Esse tema será melhor detalhado nas análises de resultados.

Em um segundo momento, foi realizada uma entrevista estruturada que, como bem define Lakatos e Marconi (2003, p.197):

> É aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário (ver mais adiante) elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.)

A entrevista foi feita com o membro do núcleo educativo e partiu de questionamentos sobre as ferramentas utilizadas para se exercer a Educação Patrimonial no museu. Durante a entrevista, foi questionado: se o local possui uma ferramenta para mensurar a eficácia das ações educacionais; qual o público-alvo característico (como faixa etária, localização, grau de escolaridade e cor); e, ainda, se a Educação Patrimonial feita no museu aborda a problemática do racismo. Quanto ao último ponto, foi indagado se, nas ações educativas, os mediadores mencionam casos de preconceitos que ocorreram na atualidade, como, por exemplo, a morte de George Floyd, em 2020; e se eles relacionam esses fatos com questões históricas como a

escravidão. Nessa entrevista, buscou-se respostas para a maioria de nossos objetivos específicos, bem como encontrar possíveis documentos referentes a visitação.

A escolha das perguntas para a entrevista partiu do objetivo principal de atender aos objetivos da pesquisa, e foram embasadas em textos como o de Scifoni (2017), já mencionado acima, Nogueira (2003) e outros. Scifoni (2017), em uma de suas passagens, menciona um dos problemas da Educação Patrimonial no Brasil, que seria a "permanência de 'ideias fora do tempo', ou seja, formulações feitas no passado, que tinham sentido frente àquelas condições históricas pretéritas, mas que são repetidas à exaustão no presente [...]". Essa reflexão nos levou a realizar, na entrevista, perguntas como: "nas mediações, para que haja integração do público com o acervo, vocês fazem relação do presente com o passado? Vocês relacionam as vivências deste público com o acervo?".

Scifoni (2017) menciona atividades que muitas vezes são aplicadas sem nenhum propósito ao público que visita o museu, como caça-palavras, jogos da memória etc. O autor menciona, ainda, a importância de atividades lúdicas e inovadoras para se obter a sensibilização e gerar uma valorização da memória coletiva presente no acervo do museu. Com base nessas reflexões, questiona-se na entrevista: "como ocorre a sensibilização do público mediado, como vocês ganham sua atenção? ".

Foi realizada uma análise documental de materiais documentais do museu, tais como o plano museológico, o roteiro impresso, os relatórios de atividades anuais; além de vídeo do programa 'Roda Viva'. Essa parte do método da pesquisa documental tem como objetivo a coleta de dados de documentos de fontes primárias (MARCONI; LAKATOS, 2003). Nessa coleta de dados por meio de pesquisa documental junto à diretoria do Museu Afro Brasil, será possível obter documentos que detalham como foi concebido o planejamento educativo do Museu e como ele é realizado no plano diretor, planejamento educativo e demais documentações relativas à realização de atividades

Devido ao cenário pandêmico, optou-se, por fim, em ser realizada uma segunda observação sistemática ou pesquisa-ação. Por meio de uma visita virtual agendada, o pesquisador irá observar a linguagem do mediador e as ferramentas para se aplicar a educação patrimonial; verificar se, por meio da mediação, há a busca da promoção de representações identitárias de grupos étnicos brasileiros, seja por meio de contação de história ou apresentação do acervo; e, ainda, verificar se, na mediação, a problemática do racismo é abordada.

O desenvolvimento deste trabalho está organizado em quatro itens, quais sejam: i) Museus Etnográficos, em que são apresentados seu histórico, definição e importância, destacando-se a fala de alguns autores sobre a temática; ii) Identidade Cultural, que apresenta

exemplos de como foi formada a identidade cultural brasileira e a importância desta para a formação de um indivíduo; iii) Educação em Museus, que irá tratar sobre o museu e sua função social de educação e os profissionais que podem atuam dentro do espaço; por fim, iv) Educação Patrimonial em Museus Etnográficos, tópico que tem como função relacionar todos os itens citados acima, complementando-se com a definição, importância e formas de se aplicar a Educação Patrimonial dentro dos museus.

2 CAPÍTULO 1 - DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

1.1 Museus etnográficos

O Conselho Internacional de Museus (ICOM, 2015) define museu como:

> [...] uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.

Portanto, os museus possuem função social fundamental de abrigar e transmitir o patrimônio cultural (material e imaterial) da sociedade. Isso ocorre de diversas formas, uma delas por meio da Educação Patrimonial, uma educação não formal e que pode ser ensinada no tempo de lazer de um indivíduo. Ela será mais bem desenvolvida no decorrer deste trabalho

A função social do museu foi atribuída como sendo a de "um espaço que propicia a ampliação do campo de possibilidades para construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer" (SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS, 2015). O museu deve ser um local de busca da identidade e local responsável por despertar o senso crítico da população. Para chegar na definição atual de museu apresentada, ou seja, o museu com sua função social, este passou por diversas evoluções.

Os museus são instituições culturais que surgiram na Grécia antiga, com o nome de *mouseion* (casa das musas). Era um local destinado a pesquisas filosóficas e era também um templo. As musas eram para a mitologia filhas de Zeus que ajudavam os homens a se esquecer da tristeza e da ansiedade. Com o passar do tempo, os *mouseion* tornaram-se locais detentores de artefatos referentes a diversas áreas do conhecimento, como Biologia, Botânica e Geografia e começaram também a possuir bibliotecas, observatórios, entre outros espaços. É importante ressaltar que sempre foi um local para a busca de conhecimento e relaxamento.

Essas instituições passaram a ser reconhecidas como instituições públicas quando o Papado permitiu, em 1471, que sua coleção fosse aberta ao público, mesmo que seleto; após isso, foram diversos os acontecimentos, como a abertura de novos museus e galerias para o público, chegando a ser elitizado e restrito apenas à burguesia, que acabaram formando os museus presentes na atualidade (SUANO, 1986).

É no início do século XIX, na Europa, que os museus passam a ser imaginados como locais onde é possível aprender e, acima de tudo, um local mais acessível para todos, não apenas para as classes mais altas, como a burguesia.

> Já em 1857, na Inglaterra, John Ruskin, estudioso de assuntos de arte, apresenta projeto a uma comissão parlamentar para "que se desse uma função mais educativa ao museu: apresentar os objetos com visão crítica e não puramente expositiva. (SUANO, 1986).

Começa aqui um real despertar para os museus se tornarem um local educativo em busca do despertar do senso crítico do indivíduo que o visita. Surgem os museus de etnografia que "eram tidos como os instrumentos ideais para se estudar e ensinar os tipos de cultura pelos quais passara a humanidade e o progresso da sociedade europeia em relação a esse quadro evolutivo da história do homem" (SUANO, 1986). Esses museus colocavam qualquer civilização que não era europeia como inferior e menos evoluída, selvagem. Nessa fase, os museus de Etnografia "eram associados à exposição de objectos, por vezes descontextualizados, que retratavam e representavam determinadas facetas de um grupo social" (DURAND, 2007, p. 377 apud PEREIRA, 2012, p. 74).

Na segunda metade do século XIX, os museus começam a ser utilizados como instrumento de valorização de uma consciência nacional, para despertar o patriotismo em uma sociedade. É só nas décadas de 70 e 80 do século XX que os museus começam a ser reconhecidos como uma instituição que deve ter uma função social. Esse levante acontece na Europa do Leste e na América Latina "influenciados por demandas sócio-políticas da época que suscitou questionamentos acerca do "papel e função social do museu" (FERREIRA, 2011, p. 82-83).

Destaca-se aqui alguns documentos como a Carta de Santiago do Chile (1972), a criação do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM), em 1977, no Conselho Internacional de Museus (ICOM), que foi criado em 1946; e também o Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM). Esses movimentos e documentos

> [...] estabeleceram novos paradigmas e pressupostos teóricos para se pensar "o papel e a função social" dos museus nas sociedades contemporâneas, especialmente na América Latina, onde grupos sociais até então invisibilizados desse "lugar oficial de

> memória", começaram a reivindicar sua auto-representação. (FERREIRA, 2011, p. 82-83).

Foi por meio destes acontecimentos que os museus etnográficos deixaram de ser algo para demonstrar o não civilizado, tornando-se um local de voz e representação de povos que tiveram seu passado apagado ou esquecido pelos europeus. É importante ter em mente que museus são locais de conflitos culturais e até mesmo políticos, pois esses são feitos por homens e para homens, o que dá àquelas instituições total poder de lembrar ou esquecer histórias de grupos étnicos (CUNHA, 2006, p. 16).

O museu agora será um local de auto-representação, um local capaz de relacionar o passado com o presente. Como afirma Meneses (1983):

> O museu não é uma forma de reproduzir o mundo e a vida. No entanto, muitas vezes essa confusão ocorre. O museu não é uma forma de transportar para um espaço específico e concentrado a vida ao vivo, a pulsação da vida de todo dia no seu próprio fluxo – seja nos produtos da natureza ou nos produtos da ação humana –, mas é uma maneira de representar (re-presentar) o mundo, os homens, as coisas, as relações.

Os museus, acima de tudo os museus etnográficos, terão uma função importante na construção de um indivíduo em uma sociedade, pois é nele que as peças e/ou obras terão um significado muito além de um simples objeto. Ali estão representadas as relações de uma sociedade. É por isso que BOLTON (2003, p. 43) irá definir o objetivo dos museus etnográficos como:

> [...] O princípio pelo qual a recolha etnográfica opera é que os objetos são coletados supostamente, ou com a intenção, de que a importância destes dentro do contexto no qual foram recolhidos será mantida. Como conseqüência, os museus etnográficos normalmente impõem um determinado conjunto de significados em objetos através de ilustrações e legendas, não apresentando estes significados como interpretações, mas como um fato.

Os museus etnográficos sempre ou quase sempre trarão, em cada obra de seu acervo, um significado inerente que não só contará uma história como irá representar o dia a dia de um povo, sendo assim destacam-se, então, as pessoas por trás de todos aqueles objetos. (PEREIRA,

2012, p. 84-85). Daí a importância desses locais para a formação e afirmação da identidade de um indivíduo, pois como afirma Nogueira (2003, p. 99):

> Os museus são, por excelência, espaços pedagógicos, espaços de divulgação do discurso, da formalização e consolidação das identidades. A visão das nossas próprias raízes culturais definidas e representadas num espaço museológico, é importante para o visitante, principalmente porque, face ao fenómeno *Globalização*, cada vez mais se vive sobre a influência dos particularismos nacionais, regionais e locais.

Portanto, quando museus etnográficos são criados e exaltados, temos um importante espaço de voz a grupos étnicos que foram muitas vezes oprimidos e, neste espaço, eles têm a oportunidade de relembrar e valorizar sua cultura, reconhecendo seu passado não apenas como uma forma dolorosa, mas também de forma gloriosa e, acima de tudo, encontrando ou reencontrando sua identidade cultural.

O objeto de pesquisa deste trabalho de conclusão de curso é nomeado como um museu de história, memória e arte e pode ser estudado por um viés etnográfico, segundo entrevista realizada com um educador do Museu. Os museus afro-brasileiros possuem, como seu próprio nome já menciona, o foco na cultura afro-brasileira. Museus como esses começam a surgir no ano de 1957, com o Museu da Abolição, localizado em Recife-PE.

A criação desses museus pode estar relacionada com a história do movimento negro do Brasil.

> Nos anos de 1950, década então de criação do Museu da Abolição e do Museu de Arte Negra, o Brasil é cooptado pelas pesquisas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em seu projeto de pesquisas sobre relações raciais no Brasil. Frente aos Estados Unidos e à África do Sul, o Brasil era tido como um modelo, um exemplo de relações inter-raciais harmoniosas. A redemocratização havia sido iniciada nos anos de 1945 arrolando propostas nacionalistas para a economia e para cultura no Brasil. Segundo Guimarães (2012) ocorre uma melhor inserção econômica do cidadão negro e elementos de sua cultura de origem africana ou luso-afro- brasileiras são incorporados, de forma regional e nacional, como "o barroco colonial de Pernambuco, Bahia e Minas, as procissões católicas, as festas de largo, o samba, o carnaval, a capoeira, o candomblé, as congadas, as diversas culinárias regionais, etc, etc." O negro era acolhido dentro do sistema de classes da sociedade brasileira, pois passava a contar como trabalhador e cidadão brasileiro negro. (REVERT, 2017, p. 21).

Nota-se que a construção do primeiro museu voltado para a cultura afro-brasileira no País reforçou ainda mais o imaginário de que o Brasil era um País de democracia racial, contudo o movimento negro percebe que não são todos os negros que estão sendo favorecidos e tidos como dignos. Há então o levante de grupos de militância negra, como por exemplo o Teatro Experimental do Negro ― TEN, que atuava sob coordenação de Abdias do Nascimento e Alberto Guerreiro Ramos, lutando em prol de uma maior valorização artística dos negros, mas também empenhando-se "em acirrar a crítica acerca das relações raciais no Brasil" (p. 22).

Cinco museus afro-brasileiros irão surgir nos anos de 1970, sendo eles: o Museu Afro-Brasileiro - Salvador/BA; Cafuá das Mercês (Museu do Negro) - São Luís/MA; Museu Afro Cultural Oyá Ní - Alagoinha/BA; Museu Afro-Brasileiro de Sergipe - Laranjeiras/SE e Casa dos Açores - Museu Etnográfico - Biguaçu/SC. Nesse momento, destaca-se, a

> [...] mais importante via de enfrentamento ao racismo no Brasil, nos anos de 1970, veio a se constituir em 1978 através da fundação do Movimento Negro Unificado, o MNU. Depois da FNB, será a primeira organização de mobilização das questões raciais em caráter nacional. Fortemente influenciado pelo processo de descolonização da África e pela luta por direitos civis dos negros americanos, o MNU traria marcas do pan-africanismo e do afrocentrismo, tão em voga na atualidade. Os anos 70-80 contaram com um movimento que radicalizou no enfrentamento das desigualdades raciais, ideológica e politicamente. (REVERT, 2017, p. 23).

O levante do movimento negro, mesmo com as adversidades, resultou nos direitos e na construção de outros museus que hoje, ao todo, totalizam apenas 38 de um total de 3.118 museus que o Brasil possui. Cabe aqui apresentar alguns museus afros brasileiros existentes no País (REVERT, 2017).

O Museu Afro-brasileiro (MAFRO), localizado em Salvador-BA, foi inaugurado em 1982, sendo "fruto de um Programa de Cooperação entre o Brasil e países da África" (SOUZA, 2014, p. 5). O acervo desse museu é muito parecido com o acervo do Museu Afro Brasil, possuindo esculturas e outros objetos dos povos africanos e objetos da cultura afro-brasileira que, por si, contam a história da formação da população brasileira. Tem como objetivo, ainda, ser um local de "identidade e memória da população afrodescendente" (SOUZA, 2014, p. 6).

Também inaugurado na década de 80, o Museu da Abolição, localizado em Recife, traz em seu acervo o "objetivo de fortalecer as discussões sobre a situação do negro no pós-abolição", possuindo objetos que "retratam a violência cometida contra os negros, assim como

sua parte de arquivo que guarda a memória da escravidão pernambucana" (SOUZA, 2014, p. 6).

Existem outros museus que poderiam ser citados, como:

> O Museu e parque memorial Quilombo dos Palmares – AL; Museu do Negro e Memorial dos Pretos Novos – RJ; Museu Senzala do Negro Liberto – Redenção- CE; Museu 13 de maio, Santa Maria – RS, Museu do Negro (Cafua das Mercês) São Luis – MA; Museu Ilê Axé Opô Afonjá – Salvador – BA; Museu do Percurso do Negro, Porto Alegre – RS, Museu de Magia Negra, Rio de Janeiro. (REVERT, 2017).

Todos esses possuem o objetivo em comum de ser um espaço de voz, identidade e memória para a população afro-brasileira e podem ser considerados locais de resistência, devido ao preconceito e discriminação sofridos por negros todos os dias.

1.2 Identidade Cultural

A identidade cultural é um elemento chave para o surgimento dos museus etnográficos e possui uma forte importância na sociedade. O museu etnográfico, como já mencionado, será o responsável por afirmar ou reafirmar a identidade cultural de um indivíduo por meio de seu acervo e processo de educação. Tem-se por identidade cultural

> [...] um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados, que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que vão desde a fala até a participação em certos eventos. (SOUZA, 2012).

Desse modo, a identidade cultural é um conjunto de patrimônios constituídos por uma sociedade, podendo, todavia, estarem em constante mudança, ou seja, não são estáticos. No contexto histórico brasileiro, a identidade cultural foi uma questão polêmica para muitos pesquisadores. A busca por uma identidade cultural nacional fez com que pesquisadores que hoje são postos como racistas compreendessem o fato da miscigenação e a presença de diversos povos no Brasil como algo negativo. Entre esses Sylvio Romero (1851 - 1914) e Euclydes da Cunha (1866 - 1909), que se questionavam:

> [...] como podiam elementos culturais de origem tão diversa coexistir sem reciprocamente se destruírem? Poderiam um dia chegar a constituir um conjunto harmonioso, e qual o processo para se alcançar tal resultado? O que tudo isto representava relativamente ao progresso, tão necessário, do país? (QUEIROZ, 1989, p. 30).

Esses dois pesquisadores e diversos outros do século XIX não enxergavam um "patrimônio cultural harmonioso" que fosse único do povo brasileiro. Para eles, sem a presença dessa harmonia, não seria possível uma civilização (QUEIROZ, 1989, p. 31).

Em contrapartida, esse ideal de identidade cultural nacional é bem colocado e questionado por autores como Stuart Hall (2006, p. 59), que apresenta a problemática da identidade cultural nacional como algo que:

> [...] não importa quão diferente seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural?

Ao abordar tais questionamentos no final de sua menção, Hall traz pontos importantes a serem destacados. Em uma situação de unificação, seria possível que uma cultura não apagasse a outra? Todavia, tal questionamento é respondido com a história brasileira, em que povos como indígenas e negros tiveram sua cultura inferiorizada e até mesmo apagada (HOOKER, 2006. p. 90).

Portanto, a busca ou reafirmação da identidade cultural de um indivíduo, seja por meio da Educação Patrimonial, seja por outros métodos, como a participação em movimentos sociais, auxilia no cumprimento da Declaração de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU, 1948), que em seus artigos 22 e 27 citam, respectivamente, o direito à cultura para a formação de sua personalidade e o direito "a participar livremente da vida cultural da comunidade [...] à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica literária ou artística da qual seja autor." Ao serem destacadas essas afirmações, é possível notar que a cultura é o que forma nossa identidade cultural e que esta pode perder-se, porém é resgatada quando há ações como a construção de museus de etnografia.

Mesmo com a declaração dos direitos humanos, alguns grupos étnicos têm frequentemente sua identidade cultural distorcida ou até mesmo apagada, sendo substituída por

uma ilusória e irreal. É o caso dos pretos brasileiros, que são vistos por muitos na sociedade como marginais e criminosos, ou até mesmo assimilados a sujeira. “O negro é frequentemente considerado um tipo étnica e culturalmente inferior” (MOURA, 1994 apud. FERREIRA; CAMARGO, 2011).

O processo de construção de uma identidade é delicado, sendo majoritariamente formado na infância e na escola. Para se construir uma identidade de forma saudável, “o indivíduo, necessariamente, tem que vivificar seu corpo como fonte de vida e prazer para que possa construir uma identidade centrada em valores positivos, experimentando, assim, harmonia em sua estrutura psíquica” (FERREIRA; CAMARGO 2011).

Sendo assim, é essencial que o indivíduo cresça em um local onde sua etnia e cultura não seja associada a algo inferior. O contrário acontece com muitos indivíduos pretos em sua construção. Os mesmos autores mencionam:

> O expurgo da cor, por parte do indivíduo negro, portanto, se dá em uma dimensão muito mais nociva de autorrejeição quando atinge a esfera do corpo. O sujeito que não consegue oferecer absolvição ao próprio corpo pelos sofrimentos que este lhe impõe começa a ter no corpo um perseguidor implacável que traz uma gama de sentimentos relacionados à dor e à morte. Tal processo começa a se desenvolver desde a mais tenra idade. A criança assimila, em seu mundo simbólico, valores, crenças e padrões de comportamento estigmatizados através das relações sociais. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 378).

Autoafirmar-se como preto no Brasil envolve muitas dificuldades. Em meio ao silêncio, o racismo, o preconceito e a discriminação racial fazem com que sejam criados mecanismos de defesa frente a esse perigo eminente. Assim surgem os “mulatos e pardos”, nomenclaturas para suavizar o peso de ser preto em uma sociedade que oprime pela cor da pele. Por isso, quando se é preto e identifica-se como pardo ou mulato, mas consome-se da cultura preta, este será chamado de preto por todos, diferentemente do pardo que consome uma cultura europeia; este será pardo e estará mais próximo do branco. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 376)

A respeito do silêncio de muitos, Cavalleiro (1998, p. 9) menciona:

> […] Na escola e nas famílias, verificou-se a predominância do silêncio nas situações que envolvem racismo, preconceito e discriminação étnicos, o que permite supor que a criança negra, desde a educação infantil, está sendo socializada para o silêncio e para a submissão. Mais grave… (...) A criança negra está sendo levada a se conformar com o lugar que lhe é atribuído: o lugar do rejeitado, o de menor valia.

Esse cenário de silêncio em instituições como a família e a escola não mascaram os dados que ano a ano crescem. Em uma matéria do jornal El País, destaca-se:

> No contexto histórico, de 2008 a 2018, 628.595 pessoas foram assassinadas no país. O perfil das vítimas aponta que 91,8% eram homens e 8% eram mulheres. Entre os homens, 77,1% foram mortos por arma de fogo, enquanto a taxa das mulheres é de 53,7%. O risco de um homem negro ser assassinado é 74% maior e para as mulheres negras a taxa é de 64,4%. (VASCONCELOS, 2020).

Na mesma matéria, a pesquisadora Amanda Pimentel, que participou do estudo para os dados expostos acima, explica:

> Como os processos de racialização incidem sobre as violências? É sobre a falta de acesso que os homens negros têm dos serviços e políticas públicos, enquanto a mulher negra é triplamente vulnerável. É sobre a falta de acesso e que principalmente ficam evidentes às imagens que o homem negro tem de bandido e da mulher negra sendo hipersexualizada. (VASCONCELOS, 2020).

Esses dados são de 2018, todavia os anos de 2019, 2020 e 2021 foram cercados de eventos infelizes envolvendo o mesmo grupo étnico, como a morte de George Floyd, em 2020; a morte de Miguel, de 5 anos, devido à negligência da chefe da empregada; e outras tragédias em que a cor das pessoas foi questionada e este silêncio foi quebrado. É possível notar o quão é importante afirmar e ter presente locais como museus étnicos para preservar essa identidade cultural. Pretos muitas vezes não se assumem pretos por medo do que podem sofrer e esse processo de sofrimento e violência muitas vezes resulta em morte. Esse não se assumir leva à perda de sua identidade, e mesmo quando se assumem, são silenciados.

Reconhecer suas raízes, saber de onde veio e ainda saber que seu passado não é apenas dor pode ajudar a mudar não só o presente, mas também o futuro do indivíduo que é muitas vezes marginalizado por sua cor. “Assim, é muito importante que haja trabalhos voltados para a população afrodescendente, pois poderão fornecer elementos para o favorecimento de estratégias de reversão dos problemas sofridos pelos indivíduos que dela fazem parte [...]” (FERREIRA; CAMARGO, 2011).

Quando falamos sobre identidade cultural, sobretudo quando representada dentro de museus étnicos, estamos falando sobre local livre para expressar, valorizar, conhecer e dar voz

a quem por anos e ainda hoje é silenciado. Por meio do processo educativo realizado nos museus, é possível não apenas dar força para o grupo étnico, mas também demonstrar para os demais grupos étnicos o valor de uma pluralidade cultural.

1.3 Educação em museus

Os museus possuem, como já mencionado antes, uma função social muito importante de guardar, preservar e apresentar o patrimônio cultural à sociedade. Por meio de seu acervo, conseguem reviver o passado e isso se mostra ainda mais presente quando o museu realiza seu processo de educação.

Tem-se por educação:

> [...] uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensiname-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, p. 4, 1985).

Portanto esta não se encontra apenas na escola , estando presente em diferentes âmbitos da sociedade e sendo aplicada de diferentes formas. Diante desta definição cabe ressaltar a diferença entre educação formal e não formal, diferente da educação formal que é aquela que ocorre nas escolas, “as ações no campo da educação não formal não se destinam especificamente às classes populares. Ela acontece para diferentes públicos, de qualquer idade, e faz parte do percurso formativo das classes sociais de modos variados [...]” (PALHARES, 2009 apud. SIERO; GARCIA, 2019).

O museu possui um desafio muito grande perante os seus objetivos para com a sociedade, sendo a educação dentro destes um desses desafios pois,

> [...] responder à expectativa de uma variedade tão grande de públicos (como no item anterior), sendo necessária uma adequação dos meios (discursos, recursos, métodos etc.) utilizados nos processos educativos para possibilitar a acessibilidade cognitiva e atitudinal, na construção de conhecimentos (cognitivos, afetivos, sensíveis, críticos,

> desenvolvimento de habilidades etc.) a partir dos objetos e patrimônio preservados e/ou expostos pelo museu. (SÃO PAULO, 2014).

Todavia, mesmo que ocorra a dificuldade de uma intervenção educativa que cative e sensibilize todos os públicos, o museu não deixa de buscar seu objetivo com a educação. Muitos optam por dividir suas ações educativas segundo a característica de cada público para que seu objetivo seja concretizado.

Mesmo que o museu seja um local onde é possível exercer o ato de aprender por si só (SUANO, 1986), muitas vezes faz-se necessária a presença de um profissional para auxiliar esse aprendizado. Tal profissional irá receber diferentes nomes, dependendo da instituição cultural onde se encontra: guia, orientador de público, monitor, mediador e educador de museus.

O mediador e o educador de museus são os profissionais que irão de fato trabalhar com o lado educativo. O mediador é:

> [...] o profissional responsável por realizar um processo, composto por diferentes estratégias, por meio do qual se constrói significados no momento de encontro entre as partes; no caso do museu, do encontro entre o público e os objetos. (SÃO PAULO, 2014).

É o mediador o responsável por auxiliar na construção de um aprendizado e possivelmente do senso crítico dos visitantes, por meio de diversas técnicas, para que sua ação educativa seja interessante e cative o público. Ainda assim, os educadores de museus são, conforme destaca o livro *Conceitos-chave da Educação em Museus*, os profissionais mais completos para trabalhar com ações educativas nessas instituições, pois:

> [...] são responsáveis por ampliar a relação entre o museu e seus públicos, sendo mediadores do objeto do museu e do público visitante, no momento do fato museal. Ao agir neste encontro (fato museal) o educador atua no processo de manter contemporâneo o caráter comunicacional do patrimônio, manifestando a latência significativa dos objetos. (SÃO PAULO, 2014).

O educador de museu será uma importante ferramenta para que esse diálogo entre patrimônio e visitante seja sempre atual e prazeroso, contudo, independentemente do

profissional que irá fazer as ações educativas no museu, é de extrema importância que tenha formação necessária para exercer sua profissão da melhor forma possível, pois essa instituição é um local de resgate de identidade cultural, como bem cita o código de ética do ICOM (2010) para museus:

> Os acervos dos museus refletem o patrimônio cultural e natural das comunidades de onde provêm. Desta forma, seu caráter ultrapassa aquele dos bens comuns, podendo envolver fortes referências à identidade nacional, regional, local, étnica, religiosa ou política. Consequentemente, é importante que a política do museu corresponda a esta possibilidade.

Não apenas o museu, por si, será o responsável por essa busca por uma identidade, mas também a ação educativa, pois dentre seus objetivos:

> [...] temos que considerar aqueles ligados a conceitos como memória, alteridade e identidade, diversidade e diferença, tolerância e (des)(re)territorialização, conceitos que a cada dia se tornam mais necessários à discussão face às mudanças impostas pela globalização. (CURY, 2013, p. 20).

Por isso, o museu deve ser um local de educação e não apenas de contemplação, reforçando a busca pelo despertar do senso crítico de cada indivíduo que o visita. É nesse sentido que Meneses (2000, p. 96-97) menciona:

> A formação crítica a que se aludiu acima não coincide apenas com o conhecimento (que não é a mesma coisa que informação), mas não prescinde dele. Quanto maior o fosso entre museu e conhecimento, maior o fosso entre museu e educação. E quanto menos o museu estiver envolvido (em diversos níveis e possibilidades) com a produção de conhecimento, mais se tornará um mero repassador de informação, sujeito a perder o controle de seu curso.

Despertar o senso crítico de um indivíduo por meio da educação exercida dentro do museu faz com este deixe de ser um ambiente que apenas repassa um conteúdo, fazendo com que, muitas vezes, as pessoas tenham a ideia de que aquele é local apenas para adultos ou para quem “é chato”. É importante que ocorra essa quebra de estereótipo e ela só ocorre por meio de

uma educação dinamizada, por isso a proposta de Educação Patrimonial é tão importante para este despertar.

Portanto, os museus são instituições culturais que têm como objetivos principais o acolhimento do patrimônio cultural, a disseminação de informações destes para a sociedade a fim desta valorizar seu patrimônio, sua identidade cultural e de outros povos; tudo isso ocorre por meio de profissionais aptos que realizam ações educativas.

1.4 Perfil do público visitante dos museus

Locais como esse, assim como outros museus, possuem um perfil de público característico, que deve ser mensurado, a fim de melhorar ainda mais a visita do público que irá até o espaço. Não se pode generalizar, pois

> Generalizações sobre o perfil dos visitantes do museu sejam generalizações de idade, sexo, educação, ou qualquer outra característica podem levar a erros. [...] Em última análise, o comportamento de ir a um museu parece depender de quem a pessoa é, demograficamente falando, e o que está procurando como forma de atividade para o tempo de lazer. [...] Fatores-chaves parecem ser idade, educação, renda, raça, experiência em museus, interesse específico em temas tratados pelo museu, responsabilidades sociais como família ou um parente em visita e preferências gerais de lazer. (FALK; DIERKING, 1992, p. 23).

Portanto, realizar uma pesquisa de público é extremamente importante, além de enriquecer os dados sobre a visitação do museu ou de qualquer outro local. Em um estudo que comparou a diferença de público de museus de ciência e arte, é possível notar que entre esses dois tipos há uma grande diferença de público, especialmente no que concerne à motivação que o leva o público a visitá-los, afinal a missão de cada um é diferente.

> A primeira missão dos museus de ciências é fazer conhecer, compreender ou até mesmo aceitar os desenvolvimentos científicos. A dos museus de arte é instalar os fundamentos de uma história coletiva. A definição da cultura que resulta daí não é a mesma. No primeiro caso, trata-se de reconciliar os cidadãos com as evoluções do mundo contemporâneo. No segundo, de criar referências, de fazer história (SICARD, 2001, p. 43).

O museu de arte tem como missão demonstrar a história e a cultura por meio de seu acervo. Assim como o museu etnográfico, objeto de pesquisa deste trabalho, museus de história, memória e arte possuem também a característica de "fazer história" e de apresentar as culturas existentes no mundo. Cabe ressaltar eu o Museu Afro-Brasil, mesmo sendo de história, memória e arte, pode ser estudado segundo uma perspectiva etnográfica.

Independentemente do tipo de museu, o público sempre terá motivações particulares para sua visita:

> No coração dos preconceitos e das expectativas de todo visitante está seu contexto pessoal, seu reservatório pessoal de conhecimento, atitudes e experiência, influenciado por expectativas a respeito das características físicas do museu, o que ele vai encontrar lá, o que poderá fazer e quem o acompanha nessa visita. Todos esses fatores se fundem para criar uma agenda para a visita. A evidência sugere que essa agenda é importante na determinação da natureza da experiência museal do visitante. (FALK; DIERKING, 1992, p. 25).

É por isso que o museu será um local em que, mesmo possuindo seu próprio acervo e história, o visitante pode interpretar da forma como quiser todas aquelas informações disponíveis de acordo com suas vivências e cultura. Além de fazer com que o diálogo entre público e museu seja mais significativo e ampliar os públicos que podem ser potenciais a visitar o museu (MARTINS, et al. 2013).

Assim como no restante do mundo, a frequência das visitas em museus no Brasil está interligada também com o nível de escolaridade e renda (ALMEIDA, 2005). Em uma pesquisa realizada por Almeida (2001) no Museu Lasar Segall, um museu de arte, obteve-se os seguintes dados:

> [...] 79% dos indivíduos eram de nível superior, com graduação ou pós-graduação , frequentador de museus de arte 61% declararam visitá-los mais de quatro vezes por ano e, muitas vezes, praticante de atividades artísticas, de forma profissional ou amadorística, ou seja, um público de iniciados na área. Quando cruzamos as informações sobre hábito de visita a museus de arte com o número de visitas feitas ao MLS, confirmou-se que aqueles que mais o visitavam costumavam frequentar mais museus de arte em geral. Assim, entre os visitantes que compareciam pela primeira e pela segunda vez ao MLS, 57% e 51%, respectivamente, costumavam visitar museus mais de quatro vezes ao ano. Daqueles que estavam pela terceira e pela quarta vez ou mais, a frequência foi de 66%, 75% e 85%, respectivamente (Almeida, 2001). Tais resultados demonstram que as pessoas habituadas a frequentar um museu de arte são igualmente frequentadoras de outros museus e exposições de arte, o que nos permite

> inferir que os mesmos indivíduos compõem os públicos das várias exposições de arte da cidade.

O Museu Afro-Brasil possui poucas visitações durante o ano em comparação com o Museu de Arte Contemporânea localizado também no Parque Ibirapuera. Mas seria seu público o mesmo? Afinal, qual é o perfil do visitante de museus etnográficos e/ou museus afro-brasileiros? Tais questionamentos poderão ser respondidos na coleta de dados referente ao museu objeto desta pesquisa.

Os tipos de público são diversos, não dependendo do tipo de museu, esses podem ser definidos de uma forma mais geral. O Percebe, que é uma "empresa de consultoria em educação e cultura que presta serviços para museus, instituições culturais, escolas, empresas e órgãos públicos" (PERCEBE, 2021), divide o público de museus em seis tipos:

Tipo de público	**Características**
Público infantil	"Um público muito ativo", normalmente movido pela curiosidade e com o foco em aprender por meio de brincadeiras.
Público familiar	"crianças e adultos em interação na exposição"; buscam um momento de lazer educativo e costumam trocar experiências entre si.
Público escolar	"uma demanda organizada [...] representando, em média, 50% do público frequentador"; geralmente valorizam a possibilidade de escolha dentro do museu e é um público que visita o museu a fim de atender as demandas de sala de aula de uma forma mais lúdica.
Público de pessoas com deficiência	"a questão da acessibilidade"; a equipe do museu deve estar preparada, assim como a estrutura do museu deve ser acessível a esse público.
Público adulto	"em busca da identidade pessoal"; geralmente em sua visita é levado em conta o fator emocional mais do que o cognitivo; absorvem mais rapidamente as informações expostas, muitas vezes estabelecendo uma relação pessoal com o acervo.

Público idoso	"um público em potencial", pois diferentemente de outros países, no Brasil esse público não visita museus; todavia, tratando-se de um público em potencial, é interessante destacar que realiza visitas em grupos e possuem demandas próprias. Mesmo que alguns possuam alguma dificuldade motora, esses são como adultos no local. Valorizam suas experiências do passado e as relacionam com o acervo, as valorizando.

Quadro 1 - informações retiradas de MARTINS, Luciana Conrado (Org) *et al*. (2013).

Daí o grande desafio dos profissionais que atuam na mediação do museu, como já mencionado nesta pesquisa. Mesmo com públicos diversos, é possível realizar uma mediação enriquecedora para todos os públicos. Afinal, cada um com sua peculiaridade irá extrair e interpretar de forma individualizada cada item do acervo.

1.5 Educação Patrimonial em Museus Etnográficos

A Educação Patrimonial é um instrumento de enriquecimento cultural tanto individual quanto coletivo. É ela que muitas vezes irá permitir o contato direto com as manifestações culturais e aproximar o público do "[...] conhecimento, apropriação e valorização da sua herança cultural [...]". Está presente e pode ser associada

> [...] a qualquer evidência material ou manifestação da cultura, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural [...], uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual [...]saberes populares, e qualquer outra expressão resultante entre os indivíduos e seu meio ambiente. (HORTA, et al. 1999, p. 4).

Portanto, a Educação Patrimonial será a responsável por relembrar ou apresentar ao indivíduo seu passado, estando presente, como bem colocado por HORTA, et al, 1999, em qualquer evidência material ou imaterial de cultura. Esta definição pode ainda ser complementada com a passagem do IPHAN onde consta que a educação patrimonial é "uma forma dinâmica e criativa da escola se relacionar com o patrimônio cultural de sua região" (IPHAN, 2014).

O contato com a Educação Patrimonial não se limita apenas ao ensino formal, exercido nas instituições de ensino. Essa tipologia de educação, se é que assim se pode colocar, faz parte de um eixo chamado educação não formal, que tem como objetivo principal

> [...] complementar o que a escola deixa de fazer, por motivos diversos, ou que realiza precariamente (embora algumas vezes isso acabe acontecendo indiretamente), nem tão pouco se opõe a ela, apenas se caracteriza por ser uma maneira diferente de trabalhar com a educação, entendendo-a num sentido muito mais amplo e podendo coexistir com a escola porque esta cumpre um outro papel na sociedade, responsabilizando-se por garantir a transmissão dos conteúdos socialmente acumulados, sistematizando-os. (GARCIA, 2009, p. 36).

Ou seja, tanto a educação não formal quanto a educação formal podem fazem parte do processo de formação de um cidadão. A Educação Patrimonial, quando realizada, busca cumprir as lacunas deixadas pela educação formal, complementando esse tipo de ensino. É importante ressaltar, no entanto, que ambas são "independentes". A Educação Patrimonial consegue fazer com que o conhecimento seja transmitido ao público de diversas formas, das mais lúdicas às mais formais. Como bem define o Group for Education in Museums, 2020:

> É um tipo especial de aprender, por causa do jeito que isto acontece: não por meio de palavras em uma página ou por uma relação de professor e aluno, mas por meio de objetos, lugares e experiências que empenham nosso intelecto, emoções e sentidos.[1]

Por isso, a Educação Patrimonial é tão importante para a formação de um indivíduo. Além de facilitar o aprendizado, ela promove a valorização de novas culturas e momentos históricos e permite a conscientização sobre as diferenças presentes no mundo, livre de preconceitos.

Uma dessas formas de aplicação da Educação Patrimonial se dá por meio da Animação Cultural, que segundo Choay (2011):

[1] Tradução nossa: It is a special kind of learning because of the way it happens: not by means of words on a page or the traditional teacher-pupil relationship, but through objects, places and experiences that engage our intellect, emotions and senses.

> Geralmente do interior do edifício que ela se propõe tirar de sua inércia para torná-lo mais consumível, considerando insuficiente a apropriação pessoal. Seu método é a mediação: Facilitar o acesso às obras por intermediários, humanos ou não. Uma hierarquia complexa conduz da mediação com efeitos especiais aos comentários audiovisuais, passando pela reconstituição de cenas históricas imaginárias, recorrendo-se a atores, manequins, marionetes ou imagens digitais.

É na mesma linha de raciocínio que Oliveira et al. (2005) vem definindo mediação sociocultural como "uma estratégia abrangente", afirmando, ainda, que tal mediação "é fundamental na perspectiva do reforço do diálogo intercultural e da coesão social". Ambos os autores conseguem trazer a mediação como meio enriquecedor de conhecimento para se exercer a Educação Patrimonial. Portanto, é importante frisar as três formas de praticar a mediação sociocultural. São elas: o método imersivo, o diretivo e o construtivista, os quais são definidos sucintamente por Darras (2009, p. 39) como:

> [...] imersão:(o processo de mediação se faz de maneira não-formal no meio cultural; diretivo: a mediação é um dispositivo formal de transmissão de conhecimentos "eruditos", portanto que descendem "daqueles que sabem" para "aqueles que não sabem); e construtivistas: as mediações são negociações que implicam interativamente os parceiros de troca.

Logo, a mediação por imersão se dá sem a presença de um mediador, contudo é realizada com auxílio de placas e panfletos informativos, por exemplo; já a mediação diretiva se dá com a presença de um mediador e é mais conhecida por ser o método mais tradicional, em que apenas o mediador dispõe do conhecimento. Entretanto, em sua forma mais rica, pode tanto o mediador quanto o público já trazerem um conhecimento e trabalharem assim em conjunto (DARRAS, 2009). Por último, temos a mediação construtivista, que se dá por meio da construção do conhecimento entre o público e o mediador.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2014), a Educação Patrimonial tem como um de seus objetivos a "alfabetização cultural", porém esta só acontece quando são valorizadas todas as culturas da mesma forma e quando o acesso a essa educação é para todos.

O IPHAN (2020), ao apresentar o conceito de "alfabetização cultural", levou a uma reflexão e afirmação de que a Educação Patrimonial, mesmo que presente nas instituições de ensino formal com o objetivo de complementar e/ou preencher lacunas, demonstra-se

independente, pois um indivíduo pode, sem a participação de uma educação formal, ser capaz de abstrair o conteúdo da Educação Patrimonial e por meio dela ficar mais próximo da sua ou das demais culturas existentes.

Portanto, a Educação Patrimonial é de extrema importância e

> [...] deve ser tratada como um conceito basilar para a valorização da diversidade cultural, para o fortalecimento de identidades e de alteridades no mundo contemporâneo e como um recurso para a afirmação das diferentes maneiras de ser e de estar no mundo. (FLORÊNCIO, 2012).

Nesse sentido, ela será a responsável pela formação e perpetuação da memória coletiva de uma sociedade. É a Educação Patrimonial que será a responsável por ensinar para as gerações atuais e futuras que o patrimônio cultural deve ser preservado e valorizado.

A Educação Patrimonial, quando aplicada em museus, sobretudo em museus etnográficos, independentemente do método utilizado, é capaz de agregar ao senso crítico do indivíduo e ainda reforçar e reafirmar sua identidade por meio de dinâmicas e questionamentos. Ela é, dessa forma, capaz de fazer com que o visitante enxergue o objeto não apenas como um objeto, mas sim com a sua real função e possíveis significados atribuídos a ele. Cabe reforçar, aqui, que nos museus etnográficos o que mais importa são as pessoas por trás daqueles objetos e a presença de um profissional para realizar esse exercício com o público é essencial.

Capítulo 2 - COLETA DE CAMPO

2.1 - O Museu: guarda e difusão da arte afro-brasileira

2.1.1 - Acervo

Foi realizada no dia 29 de maio de 2021 uma visita não agendada ao Museu Afro Brasil. Essa visita utilizou o método de observação sistemática também chamado de pesquisa-ação, em que o pesquisador tem o objetivo de coletar dados específicos para sua pesquisa (LAKATOS E MARCONI, 2003).

Durante a visitação, foi possível ter a visão de um turista que não está acompanhado de um guia. Foi observado que o acervo reforça a valorização e a formação de uma identidade cultural brasileira. Foi possível notar, ainda, que o museu não "fala" apenas dos negros, mas também dos indígenas. Focam, portanto, em dois grupos étnicos essenciais para a formação do Brasil.



Figura 1 Exposição de fotografias sobre a cultura indígena (Autor, 2021).

A parte externa do museu possui normalmente exposições, grafites e escritos, portanto conseguem contemplar o visitante que não entra no museu de fato. Na Figura 1, é possível observar como normalmente se dão as exposições na área externa do museu.



Figura 2 Painéis externos do museu (MUSEU AFRO BRASIL, 2011).

Cabe destacar a imagem da Figura 3, onde o painel traz uma frase que ilustra um dos objetivos destacados na pesquisa: investigar se o museu é um local de busca ou afirmação da identidade cultural de um povo. Por meio desta Figura, é possível notar que o museu trabalha com a identidade cultural e a autoestima do povo preto por meio de suas exposições e manifestações.

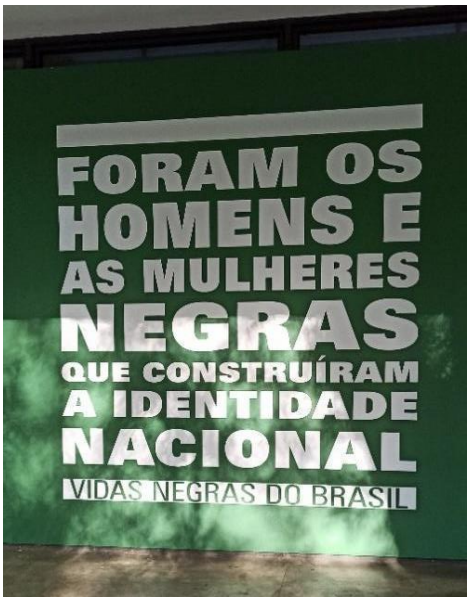


Figura 3- Imagem da entrada do Museu Afro Brasil (Autor, 2021).

O Museu Afro Brasil aborda de uma forma completa e com grande sensibilidade a construção da identidade do povo brasileiro, não apenas o sofrimento, o racismo e o preconceito, mas também o passado dourado e glorioso de cada povo. Seu acervo fixo conta literalmente a história do povo brasileiro até a atualidade. É interessante destacar que não somente as obras, mas também as frases e textos que estão no espaço ajudam no processo de imersão dos visitantes. A exposição de longa duração do museu está dividida em seis núcleos: África - Diversidade e Permanência; Religiosidades; Trabalho e Escravidão; Sagrado e o Profano; A mão Afro Brasileira; e História e Memória. Esses núcleos são melhor detalhados no capítulo 2.4 — Documentação consultada.

O Museu Afro Brasil possui três pisos. Desses três, dois são de livre acesso para seus visitantes. Para uma melhor visualização do espaço, foram selecionados plantas e mapas do museu:

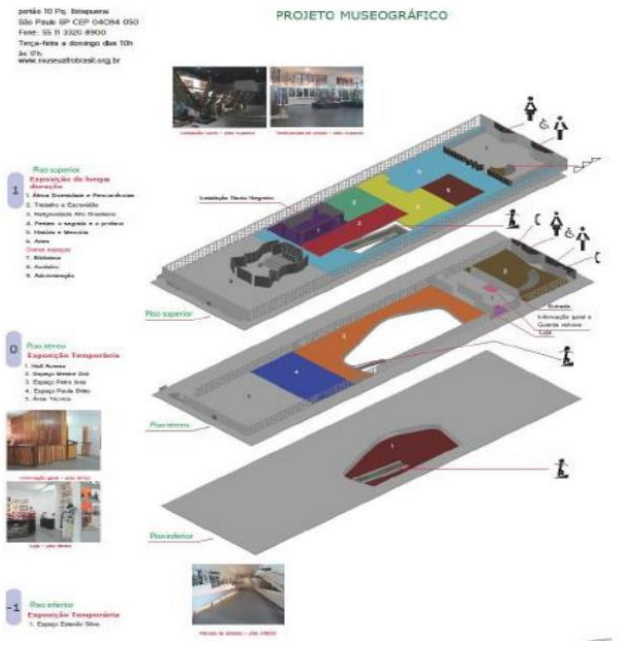


Figura 4 Planta baixa dos 3 pisos do Museu Afro Brasil (Plano Museológico, 2016)

Na Figura 4, é possível observar os três pisos anteriormente citados. Os pisos denominados -1 e 0 abrigam as exposições temporárias como demonstra a Figura 5 que estava em cartaz:



Figura 5 - Doação Rossini Perez - Joias Africanas (Autor, 2021).

O piso 1 é onde está localizada a exposição de longa duração, que é a que de fato irá contar e enaltecer a história dos povos afro-brasileiro, indígena e luso. Cada núcleo tem sua cor e característica, sendo a exposição dividida por biombos.



Figura 6 - Local onde se inicia a exposição de longa duração (Autor, 2021).

Cada núcleo já mencionado retrata um tema referente ao povo afro-brasileiro, todavia cabe destacar um núcleo onde retrata-se diretamente o sofrimento que esse povo sofreu. O núcleo chamado Trabalho e Escravidão, ao contrário dos outros núcleos que se caracterizam

por apresentar apenas um viés artístico e de autoestima do povo preto, retrata o quão difícil e árduo foi o período de escravidão. O elemento central desse núcleo é a estrutura do navio negreiro.



Figura 7 - Estrutura do navio negreiro (Autor, 2021).

O Museu Afro Brasil guarda a Biblioteca Carolina Maria de Jesus, que no dia desta visita estava fechada devido à pandemia do COVID-19. A biblioteca é composta por uma coletânea de livros e documentos físicos e digitais e conta com mesas para leitura no local.



Figura 8 - Biblioteca Carolina Maria de Jesus (MESEU AFRO BRASIL, 2021).

Portanto, o visitante que vai até o museu sem um agendamento prévio de uma visita guiada percorre livremente o espaço e faz suas próprias interpretações por meio das informações escritas nos painéis. Não há funcionários capacitados para tirar dúvidas e instigar, mesmo que minimamente, o senso crítico do visitante. Os funcionários que estão por todo o espaço estão lá apenas para zelar pelas obras e tirar dúvidas sobre localização, além de fornecer instrução sobre a ordem mais adequada para visitar o espaço.

2.1.2 - Exposições, encontros e público

Foram coletados também, por meio do *site* de transparência da Secretaria da Cultura, dados mais concretos referentes ao público visitante do Museu Afro Brasil. O *site* possui documentos como o relatório de atividades dos anos de 2018 a 2020 e relatórios de perfil e pesquisa de satisfação tanto do público escolar quanto do público geral, ambos de 2018.

A fim de contemplar com maior concretude os objetivos da pesquisa, além dos dados coletados e apresentados acima. Nos relatórios de atividades, são apresentadas exposições itinerantes, outros eventos realizados com suas respectivas definições. Nessas descrições, é possível notar que o papel educativo ultrapassa as barreiras físicas do museu, indo para meios *online*. Por conta da pandemia do COVID-19:

> os destaques foram as ações no ambiente virtual com a realização de 3 edições do projeto de contação de histórias Aos Pés do baobá; o Encontro sobre literatura Negras Palavras, com a participação dos escritores Oswaldo de Camargo e Edimilson de Almeida Pereira; as visitas virtuais com o Diretor Curatorial do Museu Afro Brasil nas exposições temporárias e a participação do museu na Campanha Sonhar o Mundo. (MUSEU AFRO BRASIL, 2020)

Todos esses eventos, especialmente os que ocorrem dentro do Museu, são voltados para a temática do povo negro e sua valorização, assim como nas visitas guiadas. Os eventos *online* possuem uma linguagem mais voltada para adolescentes e adultos. Por outro lado, os eventos que ocorrem dentro da estrutura física do Museu atendem ao público-alvo específico, reformulando a linguagem e abordagem.

Tratando-se ainda do público, foi possível por meio dos relatórios obter dados sobre a quantidade de público, esses segmentados visitantes com ou sem agendamento, dentro desses divididos em estudantes; idosos; pessoas deficientes; professores e educadores e pessoas em vulnerabilidade social. Os dados de 2018 apresentam as seguintes quantidades de cada público:

> O Museu recebeu 62.343 visitantes dos segmentos do público educativo. Assim, foram recebidos 52.645 estudantes, sendo 24.543 agendados; 1003 idosos, sendo 568 agendados; 794 pessoas deficientes, sendo 693 agendados; 1.619 professores e educadores, sendo 1.290 agendados e 6.282 pessoas em vulnerabilidade social, sendo 4.424 agendados, totalizando 62.959 visitantes da esfera educativa. (MUSEU AFRO BRASIL, 2018).

No ano de 2019, há uma quebra na padronização da contagem segmentada de público. O museu acaba por segmentar apenas em visitas mediadas e visitas espontâneas, que foram respectivamente 26.560 e 36.100, sendo que "o público geral de visitantes do Museu e Educativo somou 164.060" (MUSEU AFRO BRASIL, 2019). Pode-se notar, portanto, um aumento de visitantes de uma forma geral. Já no ano de 2020, "o público geral de visitantes presenciais do Museu e Educativo foi de 25.734" (MUSEU AFRO BRASIL, 2020). Devido à pandemia, o total de público presencial mediado pelo núcleo educativo foi de apenas 2.896.

Sendo a maior parte do seu público as escolas, este público vem com algumas características e objetivos, que são descritos nas pesquisas de satisfação realizadas ao fim de cada mediação. Existem apenas dados de 2018, todavia aqui é importante ressaltar que eles estão coletando dados por meio do questionário no ano atual (2021).

Em se tratando do público escolar, as matérias que mais levam os alunos ao museu são Artes/Desenho/Música; História e Geografia. Esse público é composto, em sua maioria, por alunos do ensino fundamental, dos ciclos 1 e 2. Neste formulário é apresentado que a visita contribui com o desenvolvimento em sala de aula; quando se trata do público geral, não há a apresentação de objetivos da visita, apenas a característica do público, dividida em nacional ou internacional; faixa etária; sexo e escolaridade. No entanto, não há dados sobre qual a etnia majoritária que visita o Museu.

2.2 - Observação da monitoria numa exposição virtual

Devido ao cenário de pandemia do COVID-19, visando contemplar um dos objetivos da pesquisa, aquele que se refere às ferramentas e linguagem utilizadas pelo educador durante uma mediação no museu, fez-se a opção por acompanhar e observar a mediação de uma exposição virtual juntamente a um grupo de adultos de faixa etária de 20 a 45 anos.

A exposição apresentada tem como título *Melvin Edwards: O escultor da resistência* e o mediador foi, coincidentemente, o mesmo educador entrevistado. A mediação ocorreu da seguinte forma: por meio de uma apresentação de *slides*, o mediador inicialmente apresentou um breve histórico do Museu Afro Brasil, questionando se algum de nós já havia visitado o

espaço; falou também sobre como é organizado e logo deu foco maior à exposição do escultor, desenhista, gravurista e professor Melvin Edwards.

Durante a mediação, foram expostas fotos do artista e fotos de suas obras, aparecendo primeiro as imagens e, após elas, seus títulos, a fim de levar os visitantes a uma maior reflexão sobre as obras apresentadas. Além disso, foi utilizado recurso audiovisual para apresentar uma poesia cantada que tinha relação com a exposição.

Essa exposição esteve em cartaz recentemente e o que se destacou logo no início foram as perguntas iniciais postas nos *slides* para uma conversação inicial e o questionamento do educador Gabriel Rocha, que perguntou se alguém conhecia o artista plástico.

É importante ressaltar que o grupo em questão já possuía um conhecimento prévio sobre a questão étnica e sobre preconceito étnico. Mesmo sendo perguntas simples, essas foram capazes de nortear longas discussões. Destaque-se, aqui, o posicionamento do mediador, pois este recebeu diversas observações subjetivas e não interferiu no processo criativo de nenhum dos participantes, fazendo com que todos se sentissem à vontade para apontar ainda mais observações e constatações.

A exposição e a fala do mediador trouxeram relações de passado e presente que foram proveitosas. O mediador buscava sempre trazer informações adicionais para cada objeto apresentado durante a mediação, fazendo até mesmo uma relação com a exposição de longa duração que está no Museu.

Por tratar-se de uma exposição que deixa o visitante livre para fazer suas próprias observações e reflexões, a questão identitária fica subjetiva, sendo particular de cada visitante. Ao analisar a linguagem do mediador, pôde-se perceber que a temática da identidade cultural esteve presente em suas falas, em que relacionava o passado com o presente e referia-se às lutas de resistência do povo preto, que permanecem até hoje em todo o mundo.

Ao final da mediação, foi solicitado que o público respondesse a um questionário para avaliação da mediação. Esse questionário continha perguntas como: “Como você avalia a atuação do (a) educador (a) do museu em relação à: Linguagem adequada à faixa etária; Abordagem do conteúdo; Abertura ao diálogo e participação”. Essas perguntas, entre outras, demonstram a preocupação em sempre melhorar a mediação com o visitante.

Em uma segunda visita, realizada em uma data diferente, a fim de se obter dados diferentes a respeito da exposição de longa duração do Museu, foi possível notar uma padronização nas ferramentas utilizadas para captar a atenção do público e despertar o senso crítico, mesmo a visita sendo realizada com outro mediador e o público demonstrando-se um

pouco mais retraído. A mediação tratou apenas das obras do artista brasileiro Sidney Amaral, como informam no site, mas não houve comentários sobre a exposição de longa duração.

Nesta, diferente da primeira mediação, o foco fixou-se mais na exposição, sem relações profundas com passado e presente, porém algo se destacou. O educador se atentou ao público que estava recebendo, no caso alunos de Turismo e de Geografia. Dessa forma, focou em particularidades de cada área durante a mediação, com o objetivo de deixar os participantes ainda mais familiarizados com a exposição e com o Museu.

2.3 - Entrevista com educadores

Após a visita não guiada, foi agendada uma entrevista semiestruturada no dia 04 de julho de 2020. A entrevista foi realizada com Gabriel Rocha, um dos educadores responsáveis por efetuar as visitas guiadas. Gabriel possui formação em História e isso refletiu de forma muito positiva em suas respostas durante a entrevista. O entrevistado autorizou a gravação da entrevista e respondeu a todas as perguntas, sempre complementando com mais itens importantes.

Antes mesmo da entrevista começar, o entrevistado ressaltou que o Museu Afro Brasil não é um museu de etnografia, e sim um Museu de História, Memória e Arte. Todavia, ele afirma que o estudo numa visão etnográfica é possível e interessante, pois o museu contém essa

> ênfase nas matrizes africanas do Brasil né, da origem do Brasil a partir dessas matrizes africanas, ele tem um material etnográfico riquíssimo e é possível então fazer uma abordagem numa perspectiva etnográfica, mas não é um museu de etnografia ou etnologia como por exemplo o MAE da USP que é um museu de arqueologia e etnologia. (ROCHA, 2021).

Foi questionado se nas visitas guiadas realizadas no Museu antes da pandemia o núcleo educativo utilizava algum método específico para as mediações? Se sim, quais eram? Pode-se chamar este método de Educação Patrimonial? O entrevistado afirmou que as mediações passam pela Educação Patrimonial, mas que buscam utilizar um método dialógico baseado em Paulo Freire[2], que busca partir do conhecimento prévio dos visitantes. Segundo ele, a mediação

[2] A Educação Popular defende que só pode haver uma sociedade justa e democrática se as classes oprimidas e discriminadas tomarem consciência de suas condições de vida e das raízes dos problemas que as afetam. Assim, por meio da educação, seria possível conceber estratégias para concretizar transformações sociais a favor dos setores populares. (CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2019).

passa pela Educação Patrimonial, porque o acervo contém patrimônio. O entrevistado ainda coloca que

> [...] os debates vão além do patrimônio, então é necessário também fazer um debate histórico, um debate sociológico, um debate artístico, mas é claro estamos lidando com um patrimônio museau [...] então também há essa questão, isso não fica de fora, não é uma educação somente para o patrimônio. (ROCHA, 2021).

A resposta do entrevistado demonstra que estão, sim, preocupados com o acervo e que o método utilizado perpassa pela Educação Patrimonial, que é o foco deste trabalho, e ainda é complementada com outras metodologias.

A segunda pergunta questionava se os profissionais que lá atuam como mediadores possuíam alguma formação específica e se possuíam algum treinamento específico. O entrevistado mencionou que, em geral, são profissionais que possuem licenciatura, mas que são de diferentes áreas. Portanto, os educadores formam uma equipe multidisciplinar. O entrevistado tem formação em História e ainda citou colegas de trabalho que são formados em Sociologia.

> [...] em outros momentos quando tínhamos uma equipe maior, assim, pretendemos e precisamos renovar de novo, reincorporar a nossa equipe, porque agora enfim com todos esses problemas que tivemos nesses últimos tempos, nossa equipe foi reduzida, mas nós tínhamos da área também além da história e da sociologia, das artes né, é muito importante ter educadores de artes, já teve educadores da área de letras também, mas sobretudo educadores de história sociologia e artes, por exemplo tem pessoas que já fizeram alguma coisa ligada a artes visuais, algo que não necessariamente era ligada a licenciatura, mas que de alguma forma já trabalhou com educação em outros tempos, ou fez alguma licenciatura depois, separado, mas é importante que tenha uma formação de educador também [...] é importante que tenha experiência com a educação. (ROCHA, 2021).

A multidisciplinaridade da equipe é um fator importante e interessante, pois com isso é possível haver diferentes visões sobre as mediações dependendo do profissional que conduzirá a mediação. Isso fica ainda mais destacado quando o entrevistado fala sobre sua forma de mediar e como gosta de trabalhar, devido a sua formação em História.

Por terceiro, foi questionado como ocorria a sensibilização do público mediado, ou seja, como ganhavam a atenção do público. O entrevistado, ao responder a essa pergunta, apresentou

dados muito interessantes, como, por exemplo, sobre a *"etapa do acolhimento"*, parte inicial da visita, antes da mediação começar de fato. Na entrevista, Gabriel descreveu esta como uma etapa de apresentação dos mediadores em que também é apresentado o Museu.

> [...] em linhas gerais", falavam da proposta do espaço e perguntavam aos visitantes algumas perguntas como "quais eram as impressões que eles tinham, se eles já tinham ido a um museu, quem estava lá pela primeira vez e quem estava pela primeira vez, o que esperava ver ali né, [...] o que essas pessoas que estavam ali pela primeira vez pensavam do Museu Afro Brasil, o que você acha que é importante ter um Museu Afro Brasil, qual é o sentido, o que você espera ver lá, isto é uma tática né, de fazer com que a pessoas também exerça ali né, que ela já comece a se colocar como um sujeito ativo da vista, também que ela vá buscar também no interior dela no caso alguns objetivos [...]. (ROCHA, 2021).

Ainda respondendo a essa pergunta, o entrevistado mencionou um fator interessante:

> [...] que muitas ela pode chegar isso não é nem um juízo de valor, mas é pelo nosso condicionamento social mesmo, do nossa vida social, profissional, da nossa vida enquanto estudante de muitas vezes a gente sem perceber a gente acaba indo numa posição de passividade de chegar lá e só receber o conteúdo que o educador vai trazer, então uma forma de despertar a sensibilidade era induzir que as pessoas participassem como sujeitos ativos, que elas trouxessem já desde o início algum conhecimento prévio para que elas pudessem se expressar se elas se sentissem à vontade né e daí ao longo da visita nós buscamos fazer isso, manter essa relação entre sujeito e objeto ativa, nós fazemos perguntas para as pessoas, nós não fazemos apenas explicações sobre um objeto, sobre o espaço, o que você está vendo aí ou porque que você acha que aconteceu isso, você já ouviu falar sobre isso em algum momento? Penso eu que é uma forma de sensibilizar no espaço. (ROCHA, 2021).

A quarta pergunta questionava se, nas mediações, para que houvesse a integração do público com as exposições, os educadores faziam relação do presente com o passado e, ainda, se relacionavam as vivências dos visitantes com a mostra. Nessa pergunta, o entrevistador menciona que não se utiliza a vida da pessoa como exemplo para não ser invasivo. Após essa fala, ele reforça a importância de *"mostrar que o museu não está ali só para falar do passado, ele é um museu para falar do presente né [...] entender o museu como um espaço vivo não como um repositório de um passado [...]"* (ROCHA, 2021). O entrevistado afirmou que durante as mediações alguns se sentem à vontade para expor suas vivências ao grupo, porém há quem prefira manter um distanciamento.

Quando questionado sobre o público majoritário que visitava o museu, o entrevistado respondeu que é um público bastante variado, mas afirmou ter mais controle do perfil do público nas visitas agendadas.

> [...] nas visitas agendadas nós temos tanto o público escolar, quanto grupo de amigos, de famílias que se reúnem, se organizam para ter uma visita com algum educador do museu, empresas também né, é enfim, grupo de educadores sociais, professores [...] evoca a comunidade escolar em geral, na educação infantil nossa faixa etária mínima é a partir dos 5 anos em diante, não tem uma faixa etária máxima [...]. (ROCHA, 2021).

Nessa mesma pergunta foi questionado se os educadores modificam a abordagem e a linguagem das mediações com a variação de público. Ele respondeu que sim e que também busca contemplar nas mediações as competências de cada faixa etária escolar. Gabriel dá um exemplo de como ocorre e o que é destacado na mediação com o público infantil:

> [...] com crianças a vista tenda a ser um pouco mais lúdica, tende a explorar mais aspectos estéticos, dos objetos, das obras de arte, alguns educadores que têm mais habilidade com contação de história pode usar isso como recurso, já com as crianças do fundamental 2, os pré-adolescentes, ensino médio, a gente começa a explorar também alguns conteúdos da história do Brasil, da história da África né, não que com as crianças a gente não faça isso também, mas com as crianças a gente vai ainda de acordo com o que se espera que aquela faixa etária tenha na educação escolar. Daí o mesmo vai também para quando vai uma empresa [...] no caso de uma empresa, ah nós queremos fazer um debate sobre as relações étnico raciais, teve caso de racismo aqui na empresa, a gente tá fazendo um trabalho nesse sentido tal [...]. (ROCHA, 2021).

O mais importante a se destacar é que, nesta fala, o entrevistado menciona que aplicam um questionário anterior à visita para compreender melhor qual o público e qual o objetivo deste com a visita. Isso reforça a preocupação com o público e como a mediação poderá ser mais bem direcionada.

Foi questionado se, nas visitas não agendadas, os funcionários que estão presentes no espaço conseguem auxiliar o público não apenas com informações básicas como localização, mas se esses conseguem auxiliar o público com dúvidas sobre as exposições. O entrevistado respondeu que já viu funcionários que estão há mais tempo no Museu responderem a perguntas

sobre as exposições de longa duração para os visitantes. Todavia, os orientadores de público estão ali para zelar pela exposição e dar orientações sobre localização

> [...] eles estão ali para primeiramente para zelar pela integridade física do espaço, e é claro dar algumas orientações no sentido de coordenadas, nomes de exposições eles sabem, até um conteúdo básico né, mas no geral assim aqueles funcionários que ficam pelo o acervo, deles não é exigido uma formação em educação por exemplo, em licenciatura embora por iniciativa até do próprio núcleo de educação nos últimos dois anos antes da pandemia, nós chegamos a fazer algumas formações com esses funcionários justamente porque nós entendemos que é importante que eles, primeiro você conhecer o objeto com qual você tá lidando né, seu objeto de trabalho, segundo por que muitas perguntas vem sim pra eles né [...]. (ROCHA, 2021).

Nessa mesma pergunta, o entrevistado mencionou que a instrução é a de que sempre que os orientadores de público não souberem alguma informação mais específica sobre as exposições, eles devem contatar um educador para evitar que o visitante permaneça com a dúvida.

A sétima pergunta questionava ao entrevistado se nas mediações era abordada a identidade cultural e em qual núcleo essa temática era mais presente. O entrevistado reforça que a identidade cultural brasileira está fortemente representada no Museu, até mesmo por conta de seu nome, Museu Afro Brasil, ou seja, não é um museu que trata de África.

O museu do Brasil que busca enfatizar as matrizes africanas do povo brasileiro. Sendo *"[...] o objetivo principal dali é entender o Brasil, entender o Brasil a partir dos africanos e seus descendentes, o preto brasileiro, do negro, e é claro, sendo um museu para entender o Brasil, ele diz a respeito à história do Brasil como um todo, não só à história dos negros né [...]"* (ROCHA, 2021).

Ainda nesta fala, o entrevistado pontuou fatores pertinentes e que se voltam ao objetivo desta pesquisa, com foco em resgate e reconhecimento da identidade cultural de um indivíduo.

> [...] embora é pra população negra no caso, para estudantes, enfim para uma pessoa negra que vai visitar lá ela pode muito bem né acabar se identificando muito mais facilmente com aquilo né (inaudível) [...] pessoas brancas também podem se identificar, mas eu vou dar um exemplo na parte de religiões né é interessante algumas crianças que são de famílias né de religião de matriz africanas, candomblecistas, umbandistas é muitas vezes, pela primeira vez elas veem lá ali elas ali representadas e isso é interessante, muitas vezes aquela criança aquela criança foi ensinada que em espaços públicos, as vezes acaba até sendo recomendado 'olha não fala muito sobre isso' que ela vai ser mal vista, vai ser discriminada, ali ela vê abertamente 'a minha

> religião tá aqui, eu sei qual é aquele orixá ali e por ai vai, entra essa questão da identidade tá também, é central no museu [...]. (ROCHA, 2021).

Quando questionado novamente sobre a questão da sala, o entrevistado falou que essa pergunta pode variar de educador para educador, mas ele destaca os núcleos que trabalha mais em sua mediação: Trabalho e Escravidão; e História e Memória. Ele justifica sua escolha com o fato de ser historiador, principalmente no que diz respeito ao núcleo de Trabalho e Escravidão, uma vez que contempla não só a História do Brasil, mas também a História da Escravidão, dos conhecimentos trazidos por esses acontecimentos. No final dessa resposta, o entrevistado menciona *"não olhar para esses povos africanos como coisas, mas sim como seres humanos escravizados e não escravos [...]"* (ROCHA, 2021). Tal afirmação consegue demonstrar que o Museu busca valorizar os indivíduos que ali são representados e não afirmar qualquer estereótipo imposto.

A oitava pergunta questionava se nas mediações também abordavam a problemática do racismo e em qual núcleo essa problemática se destacava mais. O entrevistado respondeu que aborda a problemática do racismo enquanto uma problemática atual, mas que não deixa de trazer a relação com o passado, pois é algo, como ele disse, *"enraizado"*. Ele aponta o núcleo História e Memória,

> [...] que é um espaço onde há um espaço para figuras negras, onde figuras negras que destacaram na história do Brasil e que muitas dessas figuras de alguma forma foram apagadas então dá para se discutir o racismo a partir disso, do que se fala hoje enquanto epstencidio, eu diria assim, então, por exemplo embora seja um espaço mais de imagens [...] elas tem a sua importância por mostrar os rostos daquelas pessoas, então ali muita gente acaba descobrindo que o Teodoro Sampaio era negro, o André Rebouças era negro, [...] vejo eu que esse espaço tem um grande potencial para se fazer esse debate do racismo a partir de que olha se tem todas essas figuras por que é que elas não estão aparecendo nos livros didáticos, ou ainda quase não tem séries, novelas sobre elas, na cultura de massa elas acabam não aparecendo, isso também é uma expressão do racismo e é claro dá para se trabalhara a partir de outros núcleos. (ROCHA, 2021).

A antepenúltima e a penúltima pergunta questionavam, respectivamente, se existe uma ferramenta de mensuração da eficácia das mediações e se o museu possuía um plano diretor. Em ambas foi questionado se os documentos poderiam ser fornecidos para a pesquisa. O entrevistado disse que poderia apenas fornecer o questionário que aplicam ao fim das mediações

e alertou para o fato de que está incompleto. A respeito do plano diretor, disse que não é permitida a consulta desse documento.

A última pergunta questionava se o Museu Afro Brasil é um local de acolhimento e se é capaz de dar voz a grupos étnicos. Essa pergunta, por mais que tenha sido questionada por último, é uma das mais importantes para a pesquisa, pois trata também da construção e reforço da identidade do indivíduo. O entrevistado afirmou que, sim, o Museu consegue cumprir essa função.

> [...] enquanto educador, pelo menos essas nossas atividades educativas isso fica bastante evidente, dentre os grupos que nos procuram também tem coletivos, associações da sociedade civil que trabalham com a ideia de uma educação antirracista ou mesmo coletivos culturais, grupos de capoeira, comunidades de terreiro e em geral é um espaço onde muitos desses grupos as vezes trazem como um retorno até para além da avaliação desse formulário muitas vezes nós temos um retorno já ali de imediato, então eles falam 'poxa é um lugar onde a gente pode se ver, onde a gente se sente um sujeito da história, então eu acredito que sim [...]. (ROCHA, 2021).

Portanto, por meio de todas as perguntas foi possível compreender que o Museu Afro Brasil, mesmo não sendo denominado como um museu etnográfico, consegue atender às expectativas de um museu etnográfico e contemplar os objetivos desta pesquisa. O Museu, por meio de suas ações educativas, comtempla não só o racismo como também a identidade cultural, fazendo com que, por meio da mediação, o indivíduo possa interpretar o espaço e valorizar o acervo, encarando este não como um local que abriga o passado, mas sim como um espaço que interliga o passado com o presente e busca ao máximo fazer com que os seus visitantes compreendam a história do povo preto e do povo indígena, além do sofrimento que foi a escravidão.

2.4 - Documentação consultada

Por meio de um levantamento de entrevistas gravadas e materiais impressos como o roteiro vendido na loja de *souvenirs* do Museu e seu plano museológico, foi possível compreender ainda melhor seu objetivo, sua importância para a sociedade e como ocorrem suas mediações, guiadas ou não, mesmo não tendo sido o foco principal analisar as mediações não guiadas.

Em uma entrevista ao programa Roda Viva, gravado e transmitido pela TV Cultura (2017), o criador, curador e diretor do Museu Afro Brasil, Emanoel Araújo, respondeu a

diversas perguntas de uma banca composta por um jornalista, uma repórter, um diretor de cinema, um professor e um geógrafo. Algumas perguntas e menções do diretor são importantes de serem pontuadas nesta pesquisa.

Logo no início da entrevista, a mediadora da mesa levanta o fato de que o povo brasileiro, de uma forma geral, conhece muito pouco da História do Brasil. Nessa mesma fala, ela questiona se o Museu Afro Brasil contribuiu para aproximar o brasileiro de suas origens e ainda questiona se o brasileiro começou a enxergar a África como parte da cultura brasileira. Emanoel responde que essa é a função do Museu, sendo um local arquitetado pensando-se na *"arte, história e memória, numa memória que não está em lugar nenhum. Porque o Brasil tem essa falta de memória mesmo né, e o Museu, portanto, não é um museu de arte africana, é um museu de arte brasileira [...]"* (ARAUJO, 2017).

O curador ainda cita que o museu traz ali personalidades africanas e afrodescendentes para que seu público, sobretudo o jovem, "sintam uma certa autoestima, que aquilo seja um espelho, porque ali tem a nossa história que não é contada verdadeiramente". Em ambas as falas é importante observar que o Museu é fundamental para esse resgate da identidade, ainda mais para o público jovem. Isso reforça ainda mais que o Museu Afro Brasil é um importante instrumento para o resgate da identidade cultural do povo brasileiro.

Nessa mesma entrevista, uma pergunta chamou a atenção. A repórter Juliana Gonçalves questiona se o Museu Afro Brasil é um museu do povo e se cumpre o seu papel social. Emanoel Araújo afirma que foi sim feito para cumprir o papel social de ser e de estar presente na sociedade, mas afirma que ainda é *"muito novo"*. Emanoel ainda cita o exemplo da Pinacoteca, onde também atuou como diretor quando o local tinha 90 anos e diz que muitas pessoas confundiam o local com uma igreja. Contudo, mesmo sendo um museu novo, recebe escolas públicas e particulares.

Nessa mesma fala, Emanoel Araújo (2017) menciona:

> [...] Nós temos ainda uma busca enorme de trazer, é muito difícil você sabe afrodescendentes, negros visitar o museu, eles não gostam de visitar museu por que eles sempre acham que vão ver o que eles não querem mais ver que é o sacrifício, que é a escravidão o museu passa por isso, mas não é isso, trata portanto de revelar nomes importantes da história da arte do brasil, nomes importantes que foram fundamentais na construção da identidade brasileira [...] Claro que a gente sofre um pouquinho de falta de divulgação, o museu tem uma certa má vontade da imprensa paulista eu diria, por mais que se for, a gente não consegue recursos para divulgação paga então isso com exceção da TV Cultura faz um papel de divulgação muito forte do museu, mas eu acho que o museu cumpre sua função [...].

Já foi mencionado nesta pesquisa que o Museu recebe um número de visitações notadamente menor se comparado ao número de visitantes do parque Ibirapuera, local onde o se encontra. Nessa fala podemos encontrar uma justificativa para sua quantidade de visitas.

Por meio do roteiro impresso, foi possível compreender melhor como acontecem as mediações, que agora ocorrem de forma *online*, e como ocorreria uma visita sendo guiada apenas por esse roteiro escrito. Nesse material é possível encontrar informações importantes, como o objetivo do museu e a descrição de cada núcleo presente no espaço, os quais já foram mencionados, todavia cabe aqui destacá-los e descrevê-los.

África: Diversidade e Permanências. Neste núcleo

> [...] se encontram elementos que mostram a imensa diversidade das culturas africanas e da arte por elas produzida. Gravuras e fotografias retratam poderosas figuras de reinos africanos do passado, bem como situações cotidianas, mostrando a diversidade étnica dos povos da África depois reduzidos à escravidão no Brasil. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005, p. 8).

Esse núcleo, portanto, faz uma ponte entre África e Brasil, juntando os elementos, apresentando máscaras e esculturas feitas e utilizadas por negros que vieram forçados para o Brasil. Nesse trecho do roteiro, algumas figuras das máscaras e esculturas são postas e o roteiro propõe apresentar as informações sobre os objetos, mas não realizam por meio deste uma reflexão com o visitante.

Trabalho e Escravidão:

> Este núcleo trata do papel dos africanos escravizados e seus descendentes na construção da sociedade brasileira, como trabalhador essencial em todos os seus ciclos de desenvolvimento econômico. A condição desse processo foi a violência brutal que impôs o domínio sobre o corpo e a alma do escravo, suscitando, em contrapartida, diferentes estratégias de resistência, da rebelião aberta à silenciosa. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005, p. 12).

O núcleo de Trabalho e Escravidão carrega a questão do sofrimento. É o espaço que possui a estrutura do navio negreiro e as ferramentas de tortura utilizadas nos negros escravizados na época, além de trazer imagens de mulheres escravizadas que eram amas de leite para os filhos dos senhores.

O núcleo As Religiões Afro-Brasileiras aborda, como o próprio nome já diz, as religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé, contando como elas se formaram e expondo os ritos e os orixás que estão presentes nas religiões. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005, p.18).

O Sagrado e o Profano:

> Este núcleo mostra a apropriação pelos escravos africanos e seus descendentes dessas celebrações festivas a partir das referências de suas culturas de origem, permitindo-lhes preservar muitos de seus elementos, que se conservam ainda hoje no catolicismo popular e nas festas consideradas folclóricas. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005, p. 22).

Esse núcleo aborda também as religiões, mas explicando influência recebida, por estas, do catolicismo. Menciona, ainda, as festas e elementos folclóricos, como o maracatu e outras manifestações, que são perpassadas pelo sagrado e pelo profano.

O núcleo História e Memória procura "[...] resgatar como negro, quem negro foi e quem negro é na história do Brasil. Apresenta momentos nos quais personalidades negras se destacaram ou tiveram participação fundamental em diversas áreas, da Colônia aos dias atuais" (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005, p. 26). Esse núcleo será o responsável por mostrar diversas figuras importantes para a construção do Brasil e também figuras pioneiras no mundo.

E, por fim, o núcleo Artes Plásticas: a Mão Afro-Brasileira:

> Este núcleo trata da arte brasileira desde o Barroco e o Rococó, passando pelo século XIX, a Academia e os acadêmicos, bem como pelas artes de origem popular, para chegar à artes contemporâneas, sob a perspectiva de uma mão afro-brasileira na origem de sua criação. Nele encontramos exemplos de como artistas negros ou de descendência negra, desde os tempos da Colônia até a atualidade, têm conseguido externar sua sensibilidade artística, mesmo sob as tensões que marcam e ainda marcam a inclusão do negro na sociedade brasileira. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005, p. 32).

Esse núcleo é mais voltado à questão artística e é perpassado por obras que vão desde o período colonial até os tempos atuais. Um ponto interessante é que nesse núcleo o foco não são apenas as obras de arte, mas também os artistas dessas obras. Fotos dos artistas também estão

expostas. Ainda: esse material contém importantes informações para destacar o objetivo central do Museu e de suas exposições, como:

> [...] tem a complexa tarefa de desconstruir um imaginário da população negra, construído fundamentalmente pela lógica da inferioridade [...] transformá-lo em um imaginário fundado no prestígio, na igualdade e no pertencimento, reafirmando assim o respeito por uma população matriz da nossa brasilidade. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005, p. 5).

Portanto, o museu tem o papel fundamental de contribuir e ajudar na reconstrução do negro no Brasil e tem, também, o papel fundamental de disseminar informação para a sociedade como um todo. Com isso, busca-se mostrar que a história do negro não é apenas escravidão.

O plano museológico do museu é um documento que apresenta dados importantes e que contemplam quase todos, senão todos, os objetivos desta pesquisa. Esse plano é definido como

> [...] um documento que apresenta a concepção, os conceitos e as diretrizes que estruturam a organização do Museu, orienta a definição de prioridades e o acompanhamento processual das decisões tomadas nos diferentes âmbitos, assegurando a identidade institucional. (MUSEU AFRO BRASIL, 2016).

O documento rege e apresenta todas as ações que o museu realiza e como este está organizado. Mesmo respondendo a todos os objetivos da pesquisa, foi escolhido um recorte de três pontos principais: a metodologia de educação utilizada pelos educadores durante as mediações, o preconceito étnico e o perfil do público do museu.

Segundo o plano museológico, a educação realizada dentro do museu tem, em primeiro plano, o objetivo de "auxiliar o público a criar seus próprios caminhos interpretativos e aprofundar relações intermediadoras entre educadores, exposição e visitantes" (MUSEU AFRO BRASIL, 2016). Com isso, é possível notar que a educação é uma junção de acervo, visitantes e educadores.

Os educadores, em suas ações, baseiam-se nas "dimensões afetiva, cognitiva e estética do conhecimento", sendo a dimensão afetiva a de nossas memórias e emoções; cognitiva, as de nosso conhecimento adquirido durante a vida e o que se irá aprender no museu; estética, que é o que é visualizado nas exposições. E nas mediações ocorrem "interferências didáticas, que

orientam as atividades desenvolvidas [...] em três momentos de aprendizagem: observar, descobrir ou imaginar e registrar — expressar" (MUSEU AFRO BRASIL, 2016). Esses serão elementos responsáveis por medir a relação entre público e educador.

É por meio desses princípios de educação que ocorre a quebra de estereótipos, "desconstrução do preconceito racial e a reafirmação de uma autoestima em relação a população negra e mestiça. ", pois "As manifestações de preconceito racial aparecem cotidianamente nas relações de sociabilidade e precisam da escuta atenta para questioná-las e atuar de modo afirmativo na reconstrução da imagem do negro e mestiço". Portanto, o Museu é um local importante para o resgate e acolhimento dos povos preto e indígena e de desconstrução do preconceito para as demais etnias.

> Os encontros com o reconhecimento, com o prestígio e com a dignidade têm lugar marcado no Museu Afro Brasil, tornando possível a crianças, jovens e adultos negros e mestiços se verem representados e valorizados, contribuindo e proporcionando a ampliação de uma autoestima positiva. Essa é, sem dúvida, a matéria-prima da ação educativa do Museu. (MUSEU AFRO BRASIL, 2016, p. 114).

Ainda no que diz respeito ao racismo, é possível notar que o Museu aborda tal assunto com uma visão de elevação da estima dos indivíduos que visitam o espaço. Encontra-se em um parque público, portanto seu público é diverso. "É preciso [...] criar ações que permitam ampliar a compreensão dos conceitos e conteúdos expositivos, adequando-os aos diferentes públicos e às diversas linguagens e, em constante diálogo, com a dimensão estética do Museu. ". As falas sobre preconceito racial e a sua desconstrução devem ser conduzidas com atenção independentemente da característica do público atendido, pois cada público interpretará de formas diferentes as exposições (MUSEU AFRO BRASIL, 2016, p. 110).

Pode-se listar o público do Museu como sendo de: estudantes, professores e outros profissionais que atuam na área de educação e cultura; profissionais; crianças; adolescentes, jovens, adultos vinculados a diferentes instituições; Associações e Organizações Sociais; idosos; pessoas com deficiência; público espontâneo; público de finais de semana; funcionários do Museu; equipe de educadores do Núcleo (MUSEU AFRO BRASIL, 2016, p. 116).

Dada tamanha diversidade, o desafio e principal objetivo dos educadores durante as mediações é analisar e buscar a potencialidade do grupo em questão, a fim de exercitar por meio da linguagem e de suas ferramentas o senso crítico dos visitantes.

3 INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

3.1 A Educação Patrimonial no Museu Afro-Brasil

A Educação Patrimonial, como já mencionado antes, é um modelo de educação não formal que tem o papel de ser democrática, despertar o senso crítico da população e incentivar a valorização do patrimônio cultural (GARCIA, 2009, p. 36). Ela está presente em diversos locais, inclusive em museus, sendo um de seus exemplares o foco da pesquisa: o Museu Afro Brasil. A Educação Patrimonial pode ser desenvolvida de diferentes formas, ou seja, existem diversos métodos que podem ser aplicados para sua execução.

O Museu Afro Brasil não nomeia suas ações educativas como educação patrimonial. Elas recebem o nome de arte educação, baseando-se em Paulo Freire (ROCHA, 2021), que possui princípios idênticos aos da Educação Patrimonial definida pelo Group for Education in Museums (2020). A arte educação busca o desenvolvimento do senso crítico do visitante por meio de questionamentos iniciais introdutórios como: “você já conhecia o museu?”; e outros mais voltados para as exposições apresentadas durante a mediação, questionando-se sobre os materiais que são utilizados nas obras e até mesmo questões subjetivas como: “o que sente ao observar esta obra?”.

Durante as duas mediações *online* realizadas, notou-se na postura dos mediadores a abertura para ouvir e incentivar uma livre interpretação do público, indo totalmente ao encontro de John H. Falk e Lynn D. Dierking (1992), que mencionam a importância de exercitar o imaginário sem afirmar que existe um certo e um errado, quando se trata de interpretação de uma obra; ou seja, todas as constatações ali eram relevantes no diálogo entre exposição, mediador/educador e público.

Essa abertura para ouvir os visitantes e suas interpretações é uma etapa fundamental também para aproximar o público das exposições, por isso a importância de profissionais qualificados e com formações que se relacionam com o acervo. Gabriel Rocha, um dos educadores entrevistados, relatou que existem educadores de diversas áreas do conhecimento, mas que há um treinamento quando ingressam na instituição.

Além de exercitar o senso crítico, a Educação Patrimonial no Museu Afro Brasil volta-se também para a questão da identidade cultural, tanto em seus documentos como no roteiro impresso, no plano museológico e até mesmo na fala dos mediadores, em que se percebe esse tema em evidência. Mesmo que seja voltado para a cultura afro, não deixa de contar a História

do Brasil como um todo e isso perpassa a história dos negros, dos indígenas e dos europeus, portanto qualquer brasileiro que o visite pode sentir sua identidade representada.

Portanto, é notável que a educação exercida no Museu Afro Brasil contemple o objetivo geral desta pesquisa, que é exercitar a Educação Patrimonial de uma forma que seja incentivada a valorização do patrimônio cultural, despertando o senso crítico. Tudo isso se dando, claro, com o foco na identidade cultural do indivíduo que visita o espaço, seja por meio de uma visita guiada, seja por meio de uma visita não guiada.

3.2 Perfil do público visitante no Museu Afro-Brasil

Os museus, independentemente de suas tipologias, podem receber diferentes tipos de públicos. O material da empresa Percebe descreveu a característica de cada público visitante e, a partir desses dados, foi possível compreender o comportamento dos visitantes durante as visitas *online*, sendo importante frisar que não apenas a faixa etária é capaz de determinar com certeza o comportamento do público visitante.

O perfil do público visitante do Museu Afro-Brasil é diversificado, pois este encontra-se em um local público, o Parque Ibirapuera. Portanto, como afirma a Secretaria de Estado da Cultura (2014), lidar com diferentes públicos nos museus ainda é um desafio grande. Para isso, os educadores do Museu ― que possuem formações diversas, as quais compreendem História, Geografia, Artes Plásticas, entre outras ― passam por um processo de formação continuada (ROCHA, 2021).

Durante a mediação *online*, o público majoritário foi o público adulto e, assim como a empresa Percebe descreveu, suas características estavam presentes durante a mediação. Como por exemplo a importância e maior ênfase aos fatores emocionais (MARTINS et al. 2013), tanto que os mesmos sempre voltavam suas falas para "sentimentos pesados" e fatores históricos. Contudo, não foi possível notar se estes estabeleceram uma relação pessoal com a exposição.

Cabe ressaltar aqui que o Museu, em seu plano museológico, volta-se para o público preto e mestiço afim de questões identitárias e de elevação da estima do mesmo, mas não deixa de atender e inserir os demais públicos em suas ações, pois este é um local que conta a história de formação brasileira, a qual é composta por pretos, indígenas e lusos.

Os dados apresentados nos relatórios de atividade de 2018, 2019, 2020 e na pesquisa de satisfação trazem que o público que mais efetua agendamento de visitas guiadas são as escolas. Quando analisado o público geral, podemos notar que este é diverso e segmentado pelo critério agendado/não agendado, cada um com sua característica: estudantes, idosos, deficientes,

pessoas em vulnerabilidade social, também dividindo em faixa etária e sexo. Por outro lado, apesar de um dos focos da instituição ser o de elevar a estima do preto e do mestiço, não apresenta dados que atendam este objetivo, o que seria importante para analisar se o museu está atingindo o público foco (MUSEU AFRO BRASIL, 2018; 2019; 2020).

A fala do mediador e o plano museológico expõem os públicos também suas motivações. O entrevistado mencionou que, em sua maioria, os visitantes que participam das mediações guiadas são escolas, grupos de amigos, coletivos negros, famílias e empresas, sendo esses públicos os que estão inseridos dentro do plano museológico.

Durante a entrevista, o educador Gabriel Rocha (2021), questionado se o museu é um local de resgate e reconhecimento da identidade cultural, afirmou que sim e colocou que o próprio acervo já carrega as questões identitárias. Essas questões podem ser absorvidas e ajudar cada visitante na sua formação ou resgate da identidade, assim como afirma Martins et al. (2013) cada público possui motivações diferentes na visita ao museu. Gabriel ainda menciona que cada indivíduo pode se identificar de uma forma com o Museu. O educador deu ainda um exemplo verídico de uma criança de religião de matriz africana feliz por ver sua religião exposta no museu.

É importante ressaltar que, ao final das mediações, é aplicado um questionário e esse é o responsável por trazer melhorias à mediação dos educadores. As perguntas e os dados solicitados são capazes de traçar um perfil do público que visita o Museu. Na etapa inicial de agendamento da visita é questionada a faixa etária do público, demonstrando-se, assim, que a instituição cultural está preocupada com qual abordagem e ferramenta irão utilizar durante a mediação.

3.3 A problemática do racismo na Educação Patrimonial do Museu

A Educação Patrimonial em museus etnográficos no caso desta pesquisa o Museu Afro Brasil, que por mais que seja um museu de história, memória e arte, pode ser estudado num viés etnográfico, e aborda a problemática do racismo por meio de suas ações de educação e acervo.

A identidade cultural, quando se trata do povo brasileiro, especificamente o povo preto brasileiro, é cercada desde a sua infância pela problemática do racismo (FERREIRA; CAMARGO, 2011). Como menciona Cavalleiro (1998, p.9), o racismo vivenciado faz com que essa identidade seja deturpada por estereótipos de que este individuo negro está fadado ao fracasso e em determinado momento da vida pode sentir a necessidade de resgatar e reafirmar essa identidade, que foi abalada por conta do racismo.

O Museu Afro Brasil tem como principal objetivo apresentar a parte da história do povo negro que não é posta ou não é conhecida, em sua grande maioria, pelo povo brasileiro, portanto irá tratar de um passado glorioso, retratando reinados, ouro e a riqueza do povo africano e principalmente afro-brasileiro. Não deixa de retratar também o racismo em seu acervo, porém tendo foco maior apenas em um núcleo, o denominado Trabalho e Escravidão, mencionado pelo educador Gabriel Rocha em entrevista e confirmado na visita.

Tanto no próprio acervo quanto na mediação, o racismo é retratado. Na mediação, é mencionado apenas se o público direciona suas observações para essa perspectiva, caso contrário é trabalhada mais a percepção artística das obras apresentadas.

Portanto, como já mencionado, o Museu retrata a questão identitária do povo preto apenas em um viés de aumento da estima e valorização, sem focar de forma enfática na escravidão e sofrimento que este carrega em seu passado. Ao mesmo tempo que o núcleo Trabalho e Escravidão enfatiza esse sofrimento, núcleos como História e Memória realizam o resgate das personalidades negras que se destacaram no Brasil e no mundo, mesmo em meio ao preconceito étnico (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL, 2005).

Tal constatação sobre a "amenização" do racismo retratado dentro do Museu pode ir em desencontro com a fala de Emanoel Araujo (2021) sobre o Museu Afro Brasil ser um local para jovens negros conhecerem sua história de fato, aquela que vai muito além dos livros e a função social onde um dos objetivos é a "percepção crítica da realidade cultural" (SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS, 2015). A busca pela afirmação desta identidade cultural deve partir não apenas do pressuposto de mostrar apenas o passado glorioso do povo preto, mas também o passado de escravidão, pois isso também faz parte da realidade cultural do indivíduo.

Todavia, isso constitui-se como um contraponto à fala do educador Gabriel, que relata a identificação e emoções que os visitantes manifestam durante a visita ao Museu. Ele ainda menciona que o racismo é abordado numa perspectiva que indaga o senso crítico do visitante e o direciona para a valorização e, de certa forma, para a quebra de preconceitos que possam existir por conta de suas vivências e opiniões.

O Museu Afro Brasil é um local de voz e resistência. O racismo é abordado na Educação Patrimonial apenas quando o público induz a isso na mediação. Todavia, esse não é o foco principal das mediações. O Museu visa focar na valorização e reconhecimento do passado glorioso e menos na dor.

3.4 A Educação Patrimonial do museu como ferramenta contra o racismo.

Dados os acontecimentos referentes ao racismo no Brasil nos anos de 2019, 2020 e 2021 (VASCONCELOS, 2020) e compreendendo que o racismo no País é um problema estrutural, ou seja, que está presente desde a sua "construção", fazem-se fundamentais ações de valorização e ações que vão na contramão dessas ações racistas. A educação exercida nos museus, em específico no Museu Afro Brasil, por trabalhar com a questão de identidade e valorização da cultura afro, realiza tal função.

Por mais que o Museu seja um local novo, comparado a outros museus centenários como a Pinacoteca de São Paulo (ARAUJO, 2017), e possua um número de visitação inferior ao número de visitações do Parque Ibirapuera, onde está localizado, foi possível notar por meio da entrevista realizada com o educador Gabriel Rocha que é procurado por empresas quando ocorre uma situação de racismo dentro delas. Nesse caso, a mediação tem como foco demonstrar que além de ser uma ação errada, é um crime.

Nesse tipo de mediação, e também quando grupos visitam o museu por meio de uma visita guiada, nota-se um discurso mais voltado à valorização do negro. É por meio desse que se pode manifestar ações e ferramentas contra o racismo (ROCHA, 2021). Os *workshops* e outros eventos organizados pela instituição também são voltados para essa linha de valorização. Faz-se importante questionar por que também não retratam de forma mais aprofundada a escravidão e o sofrimento do povo preto.

Contudo, não foram encontrados dados que mensuram o reflexo das ações de Educação Patrimonial sendo uma ferramenta contra o racismo nos arredores do Museu, ou até mesmo nas regiões pouco mais distantes. O fato de ser um museu novo implica diversos fatores, como este mencionado e o número de visitações que, de certa forma, pode interferir na coleta de dados mais profundos das ações realizadas. Os dados coletados nos relatórios de atividade não são capazes de comprovar se o Museu está sendo uma ferramenta contra o racismo ou sequer se está cumprindo seu objetivo de elevar a estima do jovem preto, pois nos relatórios não há mensuração de público dividido por etnia, fator que deveria ser levado em conta tendo em vista seu objetivo, segundo o curador e idealizador do Museu Afro Brasil.

A Educação Patrimonial, sendo um dos meios mais democráticos de educação e ainda um meio não formal de educação (FLORÊNCIO, 2012), pode ser, sim, uma ferramenta contra o racismo, pois por meio dela e com a ação do profissional que atua realizando a ponta entre visitante e objeto mediado, ocorre o despertar do senso crítico e a possibilidade de uma reflexão sobre como se relacionam passado e presente.

Os museus devem cumprir sua função social e museus como o Museu Afro Brasil existem e são resistência desde sua criação, sendo importante ressaltar que não são suas ações apenas que irão fazer com que o racismo no Brasil acabe, ou que exista, como imaginava-se quando da construção do Museu da Abolição em Pernambuco, uma democracia racial no Brasil (SOUZA JUNIOR, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados apresentados na coleta de campo e que por fim resultaram na interpretação dos dados, verificou-se que o Museu Afro Brasil possui, sim, um método de ensino nas suas visitas guiadas e que este é baseado em Paulo Freire. Além disso, observou-se que nas mediações os educadores utilizam-se de questionamentos para aproximar o público do acervo. Todavia, é importante destacar que o que na pesquisa vem sendo denominado de Educação Patrimonial, é chamado pelo museu de "arte educação", mas é idêntico à definição de Educação Patrimonial já posta.

Os educadores sabem antes das visitas guiadas qual o perfil do público visitante, por meio de um agendamento prévio e isto faz com que adaptem a linguagem e a abordagem da visita. Por meio do plano diretor, constatou-se que o público que o Museu tem o foco de atingir são jovens pretos e mestiços com o fim de apresentar a história e assim elevar sua estima (ARAUJO, 2017).

Na entrevista, foi apresentado que o público majoritário nas visitas guiadas do museu são o público escolar, coletivos pretos, famílias e empresas. Os dados analisados nos relatórios de atividades dos anos de 2018, 2019 e 2020 confirmam parte da fala do educador sobre o público escolar e famílias, todavia por não realizarem em meio à pesquisa uma segmentação de etnia/cor do público, não é possível notar se o museu está cumprindo a sua função social de elevar a estima do jovem preto (ARAUJO, 2017).

A educação do museu aborda, sim, a problemática do racismo, porém esta volta-se mais para uma questão de valorização, ou seja, expõe que o racismo existe, mas demonstra o quão o negro é importante na sociedade brasileira e o quão seu passado antes da escravidão foi glorioso. Por isso, a reflexão posta na análise de resultados desta pesquisa. Aprofundar na escravidão também é uma forma de elevar a estima, afinal é preciso conhecer e estimular o senso crítico do visitante para este compreender de onde veio e para onde vai. Tal afirmação vai totalmente ao encontro do último objetivo específico que também foi contemplado. Na entrevista, o educador menciona que, sim, a educação realizada no Museu pode ser uma ferramenta contra o racismo. Gabriel Rocha dá o exemplo das empresas que, após casos de racismo, marcam visitas guiadas ao Museu.

O Museu Afro Brasil é um museu que possui em seu acervo a construção do povo brasileiro, ou seja, toda a identidade cultural do Brasil. Por meio de uma visita guiada ou não, o indivíduo pode sentir-se, sim, representado e reconhecer ali suas raízes. Mesmo que o foco

seja atender os indivíduos jovens negros (MUSEU AFRO BRASIL, 2016), um indivíduo de qualquer outra etnia pode também se enxergar no acervo.

Inaugurado em 2004, o Museu ainda é novo, assim como afirma o curador e diretor Emanoel Araujo. Contudo, este tem potencial de ser um local de espaço para dar voz às minorias presentes no país e valorizar ainda mais a cultura afro-brasileira e indígena. Portanto, pode-se afirmar que todos os objetivos da pesquisa foram contemplados e que este trabalho foi escrito com o intuito de valorizar ainda mais a cultura afro-brasileira e apresentar o Museu Afro Brasil para novas pesquisas que poderão ser escritas em breve.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 12, p. 31-53, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-59702005000400003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/HLsVSrmC6V7879bhDnzh57M/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2021.

ASSOCIATION (Palestina). Taawon-Welfare Association. **The Palestinian Museum**. 2021. Disponível em: https://www.palmuseum.org/language/english. Acesso em: 18 jan. 2021.

BOLTON, L. The object in view: Aborigines, Melanesians, and Museums. *In:* PEERS, Laura;

BROWN, Alison. **Museums and source communities**: a routledge reader. Nova Iorque: Routledge. 2003. Disponível em: https://gooriweb.org/museums/museums_2003.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Educação Popular**. Centro de Referências em Educação Integral. Brasil, 2019. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/glossario/educacao-popular/. Acesso em: 7 dez. 2021.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (ICOM). **Código de Ética para Museus**. 2008. Disponível: http://www.mp.usp.br/sites/default/files/arquivosanexos/codigo_de_etica_do_icom.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS (ICOM). **Definição:** Museu. 2015. Disponível em: https://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/. Acesso em: 24 jan. 2021.

CUNHA, M. N. B. **Teatro de memórias, palco de esquecimentos:** Culturas Africanas e das diásporas negras em exposições. Tese (Pós-Graduação em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – (PUC), São Paulo, 2006.

CURY, M. X. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 13-28, jan./jun. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259974417_Educacao_em_museus_panorama_dilemas_e_algumas_ponderacoes_Education_in_museums_scenery_dilemmas_and_some_weights. Acesso em: 21 jan. 2021.

FALK, J. H.; DIERKING, L. D. **The museum experience**. Londres: Routledge, 1992.

FERNANDES, R. S.; GARCIA, V. A. Educação Não-Formal: campo de/em formação. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 6, n. 13, 2011. DOI: https://doi.org/10.31496/rpd.v6i13.284. Disponível em: http://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/284. Acesso em: 7 dez. 2021.

FERREIRA, L. G. Classificações instáveis e permeáveis: Cultura material africana nos museus. **Revista Brasileira do Caribe**, Pará, v. 11, n. 22, jan./jun. 2011. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/660. Acesso em: 16 mai. 2021.

FIJI Museum. **About Us**. 2017. Disponível em: http://fijimuseum.org.fj/about-us/. Acesso em: 18 jan. 2021.

FLORÊNCIO, S. R. R. **Educação Patrimonial**: um processo de mediação. *In*: Átila Bezerra Tolentino. (Org.). Educação Patrimonial: um processo de mediação. João Pessoa, 2012, v. 2, p. 1-99.

GARCIA, V. A. **A educação não-formal como acontecimento**. 2009. 456 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2009. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251690. Acesso em: 21 jan. 2021.

GROUP FOR EDUCATION IN MUSEUMS. **GEM We connect & learn together**. 2020. Disponível em: https://gem.org.uk/about-gem/. Acesso em: 19 jan. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HOOKER, J. Inclusão indígena e exclusão dos afro-descendentes na América Latina. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 89-111, nov. 2006. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702006000200005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 jan. 2021.

HORTA, M. L. P. *et al*. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN — Museu Imperial, 1999. p.4.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Educação Patrimonial**. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343. Acesso em: 20 jan. 2021.

IWOA. **African american Museum of Iowa**. 2021. Disponível em: https://blackiowa.org/about/. Acesso em: 18 jan. 2021.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARTINS, L. C. (org) *et al*. **Que público é esse?**: formação de público e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em: https://www.percebeeduca.com.br/conteudos/visualizar/Que-publico-e-esse-Formacao-de-publico-de-museus-e-centros-culturais. Acesso em: 22 jul. 2021.

MASSARANI, L. (org.) *et al*. **Guía de Centros y Museos de Ciência de América Latina y el Cariba**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz: ReadPOP; Montevideo: Unesco, 2015. 572 p. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5f524043e55fb97cf38acc79/t/5fc820b4d17d55300fa1a5

ab/1606951117509/2015-Guia-America-Latina-ESPANHOL-internet.pdf. Acesso em: 19 jan. 2021.

MENESES, U. B. A Cultura Material no Estudo das Sociedades Antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, 103-117, jul/dez, 1983. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i115p103-117. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796. Acesso em: 19 jan. 2021.

MENESES, U. T. B. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciência e Letras**, Porto Alegre, n. 27, p. 91-101, 2000. Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/001086192. Acesso em: 20 jan. 2021.

MICHEL, T. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

MUSEU AFRO BRASIL. **Plano Museológico 2016**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2016. Disponível em: http://museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/docs-admin/plano-museol%C3%B3gico-2016.pdf?sfvrsn=2. Acesso em 20 jan. 2021.

MUSEU AFRO BRASIL. **Relatório Anual de 2018**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2018. Disponível em: https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/eesseers/2018/01/AMAB-Relat%c3%b3rio-Anual-2018.pdf. Acesso em: 4 de ago. 2021.

MUSEU AFRO BRASIL. **Relatório Anual de 2019**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2019. Disponível em: https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/eesseers/2021/05/Relatorio_Atividades_Anual_AMAB_2019.pdf. Acesso em: 4 de ago. 2021.

MUSEU AFRO BRASIL. **Relatório Anual de 2020**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2020. Disponível em: https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/eesseers/2021/07/Relatorio_Atividades_Anual_2020_AMAB_03_2017.pdf. Acesso em: 4 de ago. 2021.

MUSEU Winakirika. Cristina de Sanchez, 2016, 1 vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KK3wJvEg7ss. Acesso em: 18 jan. 2021.

NOGUEIRA, S. A cultura material no processo educativo: museus, objectos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades e evocação de memórias. **Pasos**, Laguna, vol. 1, n. 1, p. 97-103, 2003. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88110109. Acesso em: 20 de jan. 2021.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DO MUSEU AFRO BRASIL. **Roteiro de visita ao acervo**. 2 ed. São Paulo, 2005. 34 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: http://www.dudh.org.br/wpcontent/uploads/2014/12/dudh.pdf. Acesso em: 25 jan. 2021.

PARQUE IBIRAPUERA CONSERVAÇÃO. **Sobre o Parque:** visitando o parque Ibirapuera. 2020. Disponível em: https://parqueibirapuera.org/parque-ibirapuera/parque-ibirapuera/. Acesso em: 16 fev. 2021.

PERCEBE. **Sobre a Percebe**: PERCEBE – Pesquisa, consultoria e treinamento educacional. Percebe. São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.percebeeduca.com.br/conteudos/visualizar/Sobre-a-Percebe. Acesso em: 21 jul. 2021.

PEREIRA, M. O papel social do museu etnográfico. **SIAM**, Madrid, vol. 4, n. 3, p. 73-85, 2012. Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11536/57199_5.pdf?sequence=1. Acesso em: 25 jan. 2021.

PORTA, P. **Política de preservação do patrimônio cultural no Brasil**: Diretrizes, linhas de ação e resultados. Brasília: Iphan/Monumenta, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PubDivCol_PoliticaPreservacaoPatrimonioCulturalBrasil_m.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

QUEIROZ, M. I. P. Identidade Cultural Nacional no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, vol. 1, n. 1., p. 29-46, 1989. DOI: https://doi.org/10.1590/ts.v1i1.83318. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83318. Acesso em: 13 jun. 2021.

REVERT, M. R. **O Museu Vivo do São Bento e a cultura negra e afrodescendente na Baixada Fluminense**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/marisa_rodrigues_revert.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

ROCHA, G. Entrevista com educador (2021). Gravação realizada no dia 4 jun. 1 vídeo (1 hora). Arquivo próprio. Acesso em: 6 jun. 2021.

RODA Viva Emanoel Araújo 18/12/2017. Produzido por TV Cultura. [S. l.: s. n.], 18 dez. 2017. 1 vídeo (1 h 20 min.). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m5EuVYiz5U8&t=59s. Acesso em: 18 jun. 2021.

RÚSSIA. Federal State Buget Institution (org.). **Kizhi State Open-Air Museum of History, Architecture and Ethnography**. 2021. Disponível em: http://kizhi.karelia.ru/index_en.html. Acesso em: 18 jan. 2021.

SÃO PAULO. Sistema Estadual de Museus de São Paulo**. Conceitos-chave da educação em museu**. 2014. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2016/04/Bases-para-a-Pol%c3%adtica-Nacional-de-Museus.pdf. Acesso em 24. dez 2020.

SÃO PAULO. Sistema Estadual de Museus de São Paulo. **Curso de Capacitação para Museus**. 2015. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/11/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-4-Fun%C3%A7%C3%A3o-social-do-Museu.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

SIEIRO FERNANDES, R.; AROEIRA GARCIA, V. Educação não formal no contexto brasileiro e internacional: tensões que perpassam a formulação conceitual. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 26, n. 2, p. 498 - 517, 10 maio 2019.

SCIFONI, S. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 48, p. 5-16, jan./mar. 2017. DOI: https://doi.org/10.12957/teias.2017.25231. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/25231. Acesso em: 20 jan. 2021. doi:https://doi.org/10.12957/teias.2017.25231.

SOUSA, R. G. Identidade cultural. **Mundo Educação**. Disponível em: http://www.mundoeducacao.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm. Acesso em 21.12.20: 2012.

SOUZA JUNIOR, J. P. Uma análise do papel educativo dos museus afrobrasileiros como lugar da memória, inclusão e conhecimento histórico. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO, 2014. **Anais I – CINTED**. Campina Grande, Realize, 2014. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/9289. Acesso em: 22 jul. 2021.

SUANO, M. **As primeiras transformações do museu público**: museu, pesquisa e educação no século XIX. *In*: SUANO, Marlene. O que é museu. São Paulo: Brasiliense S. A., 1986. Disponível em: https://www.academia.edu/19309484/O_que_%C3%A9_Museu_1986_. Acesso em: 26 jan. 2021.

THE PALESTINIAN Museum. 2019. 1 video (2 min). Publicado pelo canal The Palestinian Museum. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CaW-QZECVN0&feature=youtu.be. Acesso em: 18 de jan. 2021.

VASCONCELOS, C. Número de homicídios de pessoas negras cresce 11,5% em onze anos; o dos demais cai 13%: para não negros brasileiros, taxa de homicídios é semelhante à da Rússia, para os negros, Guatemala. Em 2018, a violência contra população LGBT+ aumentou 19,8%; dados são do Atlas da Violência 2020. **El País**. Brasil, 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/numero-de-homicidios-de-pessoas-negras-cresce-115-em-onze-anos-o-dos-demais-cai-13.html. Acesso em: 20 mai. 2021.

APÊNDICE A – Roteiro entrevista com educador do museu Gabriel Rocha

1. Nas visitas guiadas realizadas no museu andes da pandemia, vocês utilizavam algum método específico para as mediações? Se sim quais são? Pode-se chamar este de educação patrimonial?

2. Quais são os profissionais que podem atuar como mediadores no espaço? Esses possuem algum treinamento e formação específica?

3. Como ocorria a sensibilização do público mediado, como vocês ganhavam a atenção do mesmo?

4. Nas mediações para que houvesse a integração do público com o acervo vocês faziam relação do presente com o passado? Vocês relacionavam as vivências deste público com o acervo?

5. Qual era o público-alvo majoritário? Vocês modificavam a abordagem da mediação de acordo com cada público-alvo?

6. Nas visitas não agendadas o público tem a disposição funcionários para questionar ou apenas dialogar sobre as obras do acervo?

7. Nas mediações, vocês abordavam a questão da identidade cultural? Qual sala esta temática está mais marcante?

8. Vocês abordavam a problemática do racismo nas mediações? Em qual ou em quais salas tal temática é destacada?

9. O museu ao final de suas visitas guiadas presenciais possui alguma ferramenta de mensuração para verificar a eficácia de suas mediações? Se sim, seria possível obter esses dados?

10. O museu possui um plano diretor? Se sim, seria possível disponibilizá-lo?

11. Vocês acreditam que o Museu Afro Brasil, por guardar a identidade cultural de um grupo étnico ou mais grupos étnicos, é capaz de ser um espaço de acolhimento e fala para aqueles que se declaram como pretos e indígenas?